

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

BEATRIZ RODRIGUES MADUREIRA

**SEGURANÇA INTERNACIONAL: AS MUDANÇAS QUE O
ESTADO ISLÂMICO TROUXE PARA AS CONFIGURAÇÕES
DE TERRORISMO E SEU IMPACTO NO BRASIL**

BAURU
2017

BEATRIZ RODRIGUES MADUREIRA

**SEGURANÇA INTERNACIONAL: AS MUDANÇAS
QUE O ESTADO ISLÂMICO TROUXE PARA AS
CONFIGURAÇÕES DE TERRORISMO E SEU
IMPACTO NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

BAURU
2017

Madureira, Beatriz Rodrigues

M1839s

Segurança Internacional: as mudanças que o Estado Islâmico trouxe para as configurações de terrorismo e seu impacto no Brasil / Beatriz Rodrigues Madureira. -- 2017.

72f. : il.

Orientadora: Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru – SP.

1. Segurança Internacional. 2. Terrorismo. 3. Estado Islâmico. 4. Brasil. 5. Políticas Governamentais. I. Alves, Beatriz Sabia Ferreira. II. Título.

BEATRIZ RODRIGUES MADUREIRA

**SEGURANÇA INTERNACIONAL: AS MUDANÇAS QUE O ESTADO
ISLÂMICO TROUXE PARA AS CONFIGURAÇÕES DE TERRORISMO
E SEU IMPACTO NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências
Exatas Sociais Aplicadas da
Universidade do Sagrado Coração como
parte dos requisitos para obtenção do
título em bacharel em Relações
Internacionais sob orientação da Prof.^a
M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Bauru, 29 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^a M.^a Roberta Cava
Universidade do Sagrado Coração

Prof. M.e Fábio José de Souza
Universidade do Sagrado Coração

Dedico este trabalho a meus pais, amigos,
colegas e professores que estiveram
presentes durante toda essa trajetória
acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por sempre me incentivarem a dar o melhor de mim independente do que escolhesse fazer, e que fosse feliz assim, acima de tudo.

Agradeço aos meus queridos colegas de sala, que me acompanharam por esse longo caminho de quatro anos, em meio a risos, choros, cobrança, prazos, debates e crescimento compartilhado.

A Bia, nossa querida professora e coordenadora, que contribuiu de forma inestimável para nossa formação, sendo acima de tudo amiga e conselheira.

A Roberta, que também contribuiu na mesma intensidade dando sempre o seu melhor e nos ajudando.

A todos os demais professores que tiveram sua participação na nossa formação acadêmica.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo essa vida valer mais a pena.

“Dentro de nós, sentimos uma persuasão, mais ou menos consciente, da insuperável dignidade de um ser que se impõe categoricamente; de um ser que nos ameaça e repreende quando culpáveis, nos alenta quando desejosos do bem, nos louva e remunera quando virtuosos. Um eco orientador de voz amiga, embora misteriosa, convidando-nos a refletir sobre o nosso destino, a buscar a luz e seguir a direção dos tênues raios com eficazes promessas de encontrar o foco resplandecente, ressoa no íntimo de nossas almas. (GUERRERO, 1948, p.68)

RESUMO

A presente pesquisa aborda de forma aprofundada a trajetória do terrorismo, que apresenta definições abrangentes e complexas, desde a criação do termo conhecido atualmente, na Revolução Francesa, passando pelo surgimento de organizações terroristas que tinham como objetivo derrubar poderes governamentais até a ascensão do terrorismo baseado no fundamentalismo islâmico, sobretudo as mudanças trazidas por ele no século XXI, com o atentado de 11 de setembro, e a posterior evolução do termo na agenda internacional e o surgimento de um estado terrorista, o Estado Islâmico. A partir daí, essas questões serão abordadas levando em consideração posicionamentos políticos que afetam toda a sociedade global, sobretudo os efeitos percebidos no Brasil, bem como sua disposição frente ao tema terrorismo.

Palavras-chave: Segurança Internacional. Terrorismo. Estado Islâmico. Brasil. Políticas Governamentais.

ABSTRACT

The present research approach deeply the terrorism's trajectory, which presents comprehensive and complex definitions, from the creation of the term currently known since the French Revolution, to the emergence of terrorists organizations that aimed to overthrow governmental powers until the rise of terrorism based on Islamic fundamentalism, especially the changes brought by it in the XXI century, with the 9/11 attack, and the subsequent evolution of the term on the international agenda and the emergence of a terrorist state, the ISIS. From then, there issues will be approached taking into account political positions that affect the whole of global society, especially the effects perceived in Brazil as well as its disposition on the subject of terrorism.

Keywords: International security. Terrorism. Islamic State. Brazil. Governmental Policy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Nacionalidades dos militantes do EI	45
Figura 2 - Presença do Estado Islâmico no mundo	46
Figura 3 - Perda de território da cidade de Raqqa	47
Figura 4 - Território perdido desde Janeiro de 2015	48
Figura 5 - Pesquisa mostra qual a percepção da população sobre existência de crime organizado nas imediações onde residem.	52
Figura 6 - Distribuição territorial da Operação Ágata	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIN	Associação Brasileira de Normas Técnicas
EI	Universidade do Sagrado Coração
ESI	Estudos de Segurança Internacional
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation
ONU	Organização das Nações Unidas
PCC	Primeiro Comando da Capital

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	AS DIFERENTES CONCEITUAÇÕES DE TERRORISMO	13
2.1	PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	18
2.2	A INFLUÊNCIA NA SEGURANÇA INTERNACIONAL.....	23
2.3	O TERRORISMO ATUAL.....	29
2.4	TERRORISMO ISLÂMICO E GRUPOS TERRORISTAS	33
3	ISIS E INFLUÊNCIAS	35
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO ISIS.....	36
3.2	AÇÕES E AMEAÇA GLOBAL	39
3.3	TRAJETÓRIA DO ESTADO ISLÂMICO.....	44
3.3.1	Ascensão e alcance	44
3.3.2	Queda	46
4	O BRASIL E O TERRORISMO	50
4.1	DEFINIÇÃO DE TERRORISMO NO BRASIL	50
4.1.1	Questão da violência interna	52
4.1.2	O fundamentalismo islâmico e sua presença na Tríplice Fronteira ..	53
<i>4.1.2.1</i>	<i>Hezbollah</i>	54
4.2	A POLÍTICA DE SEGURANÇA BRASILEIRA.....	55
4.2.1	O Brasil e a ONU	58
4.3	A ABIN E O EI	59
4.3.1	Competências da ABIN	60
4.3.2	A segurança nas fronteiras	61
4.3.3	Atuação perante ao Estado Islâmico	63
4.4	OS POSICIONAMENTOS DO GOVERNO	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

O terrorismo, tema central que trata esse trabalho é tão velho quanto a própria guerra. O que mudou ao longo dos anos foi somente a percepção e a importância dada ao tema. Antigamente, sobressaía-se as condutas terroristas de organizações e até do próprio Estado limitadas ao perímetro estatal. De forma que servia para impor um resultado por meio do terror. Diante deste fato, analisaremos as diferentes conceituações do termo terrorismo, abrangendo seus usos e efeitos para diferentes campos sociais como economia, cultura, política e religião, com foco nessas duas últimas, principalmente depois dos acontecimentos que modificaram a forma como o terrorismo é tratado pelos Estudos de Segurança Internacional de 11 de setembro de 2001.

O atentado repercutiu com grande força mundo afora, levando os Estados Unidos a combatê-lo ferozmente e a iniciar uma guerra preventiva, perpetuando ainda mais conflitos já existentes no Oriente Médio. Essa manobra abriu precedentes para que outros grupos terroristas com embasamento fundamentalista islâmico surgissem, se utilizando dos mesmos critérios para a propagação do terror e aplicação de sua ideologia em locais onde se fazem presente.

Nesse cenário, uma nova organização com objetivos ainda mais ambiciosos surgiu. O Estado Islâmico desafia diversas teorias das Relações Internacionais ao almejar ideais um pouco diferentes das já vistas provenientes de organizações terroristas. O EI se aproveitou de momentos políticos frágeis em algumas regiões do Oriente Médio como Iraque e Síria para conquistar territórios e expandir seus domínios, subjugando a população local a seu autodeclarado califado, regido pela Charia, afim de propagar seu governo próprio e instituir um Estado propriamente dito.

Diante desse novo desafio para a agenda de segurança internacional, a presente pesquisa busca analisar a fundo os mecanismos de funcionamento do Estado Islâmico inseridos em seu contexto histórico, bem como a geopolítica aplicada ao ambiente de desenvolvimento do grupo. Ressaltando a importância das suas estratégias de propagação utilizando meios de comunicação como a propaganda digital e disseminação de vídeos, manobra que possibilitou a prospecção de militantes e atraiu mais simpatizantes à causa.

Dispondo dessas informações sobre o Estado Islâmico, bem como sua metodologia de ação, será abordada a influencia que a organização tem sobre a politica de segurança brasileira, sendo necessária para a compreensão do papel do Brasil para um assunto tão complexo quanto o tema terrorismo na agenda de segurança internacional. Essa analise nos permitirá perceber como sua postura perante a esse tema é afetada pelos obstáculos de âmbito interno e seu déficit de desenvolvimento.

Essa monografia esta estruturada em três capítulos de modo que haja o entendimento facilitado e fluidez do assunto onde a intenção é correlacionar os assuntos utilizando uma ordem cronológica, concluindo com as considerações finais baseadas em todo o material utilizado.

2 AS DIFERENTES CONCEITUAÇÕES DE TERRORISMO

A problemática inicial desta pesquisa é a definição do termo “terrorismo”, pois a mesma causa controvérsia e discussões no meio político e dentro da própria sociedade. Não existe um só consenso quanto a esse tema. Para entender a fundo, é necessária a percepção de que existem muitas vertentes que remetem a períodos históricos, revoluções políticas, diferenças culturais, questões religiosas e disparidades econômicas.

Muitas questões pairam sobre a ideia do seu real desígnio. Seria ele uma forma de tentar se libertar do sistema? Um despertar do sonho utópico para a realidade objetiva e não apenas subjetiva? Uma transformação de mundo com uma mudança de ideais?

Em cada demarcação, e até mesmo entre países e regiões diferentes do globo, essas perguntas tem respostas distintas, já que a cultura de cada lugar apresenta um tipo específico de anseio e de pensamento. O que se sobressai nas mais diferentes definições é a influência política e religiosa.

O conceito de terrorismo político remonta a ideia do terror usado para atingir um objetivo próprio inicialmente dentro de um Estado, usado para desencadear uma luta exclusivamente política, cujo objetivo é a conquista do poder.

Pode ser usado muitas vezes como ferramenta por uma minoria intelectual com grande descrença e insatisfação com seu governo. Entretanto, a diferença com a guerrilha, numa comparação direta com o terrorismo está na finalidade escolhida, direta e satisfatória, constituindo simplesmente uma sabotagem que cause o mínimo possível de mortes e de resultados desastrosos desnecessários.

Assim, o terrorismo ao manifestar-se em uma forma de justiça aleatória sem discriminação de suas consequências, atingindo lugares com vítimas inocentes, se torna uma arma com implicações negativas, podendo surtir o efeito contrário, passando a imagem de que seus percursores não são em nada melhores que o governo opressor em questão.

Esse princípio é o que difere a ação revolucionária, que recusa a ideia do terror gratuito e aleatório, da contrarrevolucionária, que pode atingir tanto o inimigo quanto o aliado, criando uma situação incerta para aterrorizar antes que qualquer ação objetiva propriamente dita. Outra diferença importante a ser ressaltada é o alcance desse ataque, que tem como foco as grandes massas e não pode ser

considerado uma luta de classes. Isso no caso do terrorismo em relação a revolução, ocorrendo exclusivamente no âmbito estatal, dentro de um território delimitado.

Paradoxalmente, mesmo levando em consideração a existência do terrorismo de Estado, na nossa atual configuração de sistema internacional, o Estado não é considerado agente de terror por organismos internacionais. Isso é nitidamente percebido no caso dos Estados Unidos e seu controle imposto sobre outros países e influencia na ONU, e a criação da chamada Guerra ao Terror. Existe uma grande falta de punibilidade diante de atos considerados “legítimos”.

Historicamente falando, o Estado terrorista se apropria de métodos de terror para controlar e intimidar sua população, com a premissa de que a protege de um mal maior. Isso é nítido em imposição de ditaduras, guerras mundiais, golpes de estado, onde o governo faz um mal-uso do seu poder com a justificativa de que o mal a ser combatido está sempre contra o próprio povo, criando a ilusão de um governo terrorista que dá a seu povo mínimos benefícios é melhor que uma minoria revolucionária aparentemente sem nada a oferecer.

Em outras palavras, é ilegal a desestabilização do Estado por um grupo revolucionário, diante da impossibilidade de negociação, mediante violência, porém é ética e moralmente legal um Estado ser o ponto de origem da opressão, não sendo julgados por outros Estado ou Organizações Internacionais.

Existe um padrão do uso do método do terror. Ele não pode consistir em casos isolados, já que o grupo ou organização que decide por essa estratégia não busca apenas um momento de atenção e sim impor sua ideologia¹ por meio do medo, coerção e violência, assim adotando ataques homogêneos e padronizados, fazendo com que sejam reconhecidos justamente por conta disso.

Shmid e Jogman (1988), analisaram 109 definições de terrorismo encontrando um padrão em todas elas, dando ênfase a metas (geralmente políticas), propósitos (imposição do medo por meio de suas ações), objetivos (resultados nas vítimas atingidas) e o método (tática de combate). Porém, nenhuma definição enfatizava devidamente o alcance publicitário do ato terrorista. E nem a sua relação com o fundamentalismo. Entretanto, a noção sócio-política de terrorismo atual é um pouco diferente de anos atrás.

¹ Conjunto de **ideias, pensamentos, doutrinas** ou **visões de mundo** de um indivíduo ou de determinado grupo, orientado para suas ações sociais e políticas.

No século XIX, existiu o conceito de terror revolucionário, onde o termo terror era usado como sinônimo do terrorismo, bem diferente do emprego do termo atual (que envolve uma realidade muito mais conectada e complexa, tanto de ideias como de abrangência). Ou seja, muito empregado na Revolução Francesa, num período conhecido como O Terror, trouxe os primórdios do uso da violência dentro do meio sócio-político para alcançar resultados dentro do próprio governo estatal. Portanto, a definição do termo terrorismo precisa ser contextualizado não somente no tempo, mas também em noções de geopolítica.

Quando trazemos o fenômeno para um contexto político internacional, os recursos empregados na ação terrorista ainda buscam representar a consciência da população para a luta em questão, primeiramente como um demonstrativo individual (que implica em uma condição inicial ideológica) chegando posteriormente a uma luta de grupos, onde o foco não é contra as pessoas ou ligado as massas e sim uma dissuasão contra o inimigo, reproduzindo um efeito desmoralizador sobre as tropas de ocupação.

Após anos de análise, com diversos contextos e noções de aplicação do conceito, o terrorismo tornou-se mais complexo, uma vez que a sociedade moderna interage no sistema mundial. Por isso é difícil chegar a um consenso único sobre sua definição.

Até 30 anos atrás, o terrorismo ficava restrito a seu próprio país de origem (com algumas exceções como a Palestina, que é tanto um retrato de uma luta política internacional quanto de uma revolução estatal). Mas a partir da metade dos anos 80 houve o surgimento de conflitos envolvendo grupos separatistas, com embasamento religioso, transformando a religião em uma busca ideológica.

A hermenêutica fundamentalista é a base de produção dos valores tanto cristãos como muçulmanos, direcionando práticas comuns para a promoção de terror político. Já que em ambas religiões existe a rejeição de valores modernos e a aceitação de valores tradicionais tidos como corretos e ideais.

Atualmente, a preocupação com a segurança internacional se tornou muito mais evidente depois dos ataques 11 de setembro. Estima-se que hoje 71% dos americanos temem novas ações como a que abalou o mundo e destruiu as Torres Gêmeas.

A crença de que esse talvez seja o atentado com maior repercussão na história da humanidade se deve ao fato de que pôs em cheque a segurança da maior potência da Modernidade.

Foi um atentado que vitimou mais de dois mil, entre mortos e feridos. Com isso, teve um peso simbólico muito significativo. Grande parte dos americanos passaram a desconfiar da segurança oferecida pelos Estados Unidos. Ao contrário do que a grande mídia aponta, as ações foram técnicas e calculistas, resultando em um “espetáculo” artisticamente falando, buscando especificamente a destruição de um inimigo declarado.

Assim, a reação do governo Bush na época não poderia ser diferente do esperado: uma retaliação da violência com mais violência. Remetendo ao paradoxo previamente apresentado, com uma sede de vingança de recuperar a credibilidade abalada. Foi a partir desse acontecimento que a noção de terrorista passou a ter um embasamento mais profundo na religião, equivocadamente, com foco apenas no islamismo.

Toda essa repercussão na época trouxe a ideia, que se enraizou no imaginário social, de que o terrorismo está exclusivamente ligado ao fundamentalismo religioso islâmico. Sem lembrar que o Estados Unidos são também um país com presença religiosa marcante, porém protestante, que busca passar a imagem de “intocável”, principalmente no governo atual que prega a ideia do “*Make América great again*”, buscando conectar-se as raízes tradicionais e pertencentes somente a uma pequena elite privilegiada.

A definição de terrorismo, no âmbito político, de acordo com a polícia federal americana, é o uso ilegal de violência contra pessoas ou propriedades para intimidar um governo e uma população para implementar uma agenda política ou social.²

Entretanto, mesmo dentro dos Estados Unidos, há divergências sobre o termo, já que muitos grupos podem usar o terrorismo para influenciar toda uma população, empregando o medo irracional como um estopim para a eficácia de um objetivo premeditado de implementação de uma ideologia.

No âmbito social e ético, principalmente se usarmos como exemplo o fundamentalismo islâmico, o ato precisa ser justificado por um discurso, sobretudo para o terrorista, já que é considerado terrorismo qualquer ato que imponha à força

² Definição do FBI.

alguma ideologia ou ação por meio do terror. Isso significa que a noção de que um terrorista busca apenas o reconhecimento governamental e político está equivocada.

Ou seja, a desesperança e falta de perspectiva é entendida como uma válvula de escape para o combatente que resolve explodir seu corpo em prol de uma ideologia política, se utilizando da certeza de que será visto como um herói, escolhendo suas vítimas de acordo com sua própria interpretação do inimigo e do mal simbólico que precisa ser destruído para garantir a paz. Isso fica claro quando analisamos atentados terroristas recentes, contra países considerados seguros e desenvolvidos³.

Em torno dos conceitos analisados, essa citação de Saint-Pierre (2015) resume bem essa ação violenta, diferenciando e analisando padrões práticos e psicológicos, tanto no praticante quanto na vítima:

Em termos gerais, o terrorismo é uma ação violenta que procura, mediante a espetaculosidade do ato, provocar na população uma reação psicológica de medo, um pavor incontrolável, o terror. Ele não é um fenômeno novo, é tão velho quanto a própria guerra, a mesma que acompanha a sociedade desde os seus primórdios. Os Estados, os exércitos, as etnias, os grupos e os homens isoladamente têm empregado o expediente do terrorismo como forma de diminuir a coragem dos seus inimigos, enfraquecer a sua resistência e facilitar a vitória. De assassinatos até etnocídios, passando por genocídios e magnicídios, com o único objetivo de infundir o terror, a humanidade tem conhecido desde sempre esta particular manifestação da violência em todos os rincões do globo. São mais visíveis os atos de terrorismo espetaculares, nos quais um grupo extremista assassina um grande número de pessoas, mas não é menos cruel e sanguinário o chamado "Terrorismo de Estado", frequente na recente história da América Latina, em que os governos espalham o terror entre os cidadãos com o argumento de manter a estabilidade do regime. A novidade deste velho flagelo talvez seja sua atual e crescente internacionalização.

O terrorismo é uma forma facilitada e organizada de se chegar ao objetivo a curto prazo, provocando uma grande repercussão e conseqüentemente uma grande dificuldade de erradicação desse mal.

³ Leia-se Estados Unidos e alguns países Europeus.

2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA

Considerando que os valores morais e éticos se transformam conjuntamente com o tempo, devemos analisar as diferentes épocas e valores como alicerce de nossa sociedade, em seu devido contexto histórico.

Por séculos nossa ordem econômica considerada moderna e atualmente democrática foi construída em cima de uma forma de terrorismo, invadindo terras africanas para capturar pessoas e depois vendê-las como escravas. De modo a dinamizar a economia do continente americano, essas ações refletem até hoje na história do desenvolvimento não apenas do Brasil, mas de vários países ex-colônias.

A desigualdade social, criminalidade, racismo, xenofobia e outros diversos problemas são resultados de séculos de exploração humana forçada, claramente por meio do terror, que ainda influenciam diretamente nas construções éticas e sociais atuais.

Todavia, nessa época o terrorismo não era conhecido por esse termo. As barbaridades cometidas contra os africanos e tantos outros povos subjugados por governos que se consideravam superiores era considerado algo moralmente aceito. Apenas uma demonstração de poder e a ausência de direitos humanos ao reconhecer o próximo como um igual, seja qual for a raça, etnia, religião e cultura.

Porém, é impossível contabilizar todas as barbaridades cometidas contra seres humanos através dos séculos, e mesmo assim as questões levantadas seriam muito mais abrangentes que apenas a forma de terrorismo clássica, apresentadas pelo presente trabalho.

O nascimento do termo como conhecemos hoje nasceu na era conhecida como “O Terror”, na Revolução Francesa de 1793-1794.

De um lado, alinharam-se os girondinos, que acreditavam numa política de terror tênue, e do outro, os extremistas jacobinos que acreditavam que a oposição deveria ser eliminada, almejando esculpir um novo cidadão de acordo com seus próprios ideais. Erroneamente considerada uma luta de classes, a Revolução Francesa se tratava de um conflito mais complexo do que isso, formado majoritariamente pela burguesia: em ascensão e em decadência.

O termo francês *terrorisme* foi primeiramente empregado como uma nova doutrina. Onde segundo Robespierre, o líder dos jacobinos, dizia que é impossível

ter a paz como a base de um governo revolucionário. Assim, buscando manter o poder a qualquer custo, mesmo que isso signifique manter sua população em rédea curta com ameaças e uso da guilhotina, promovida pelo próprio governo. Após isso, o termo apareceu pela primeira vez na edição anual do Dicionário da Academia Francesa, em 1798.

Apesar de ser a criação do termo como conhecemos hoje, o terror era praticado pelo Estado, se encaixando no conceito do Estado como protagonista do terrorismo, se utilizando de emprego ilegítimo da força coercitiva, aplicada pelo governo com a justificativa de erradicar qualquer tipo de oposição.

Quase um século depois, houve uma revolta na Rússia. Mais especificamente no governo de Alexandre II (1855- 1881), que logo após assumir teve seu governo marcado por conflitos e insatisfação das classes mais baixas, resquícios de uma má gestão anterior herdada tanto no campo de política externa quanto interna.

A Rússia era basicamente dividida em nobres e camponeses, vivendo num regime feudal e atrasado comparado ao resto do mundo, com uma economia predominantemente agrária.

Alexandre II implantou diversas medidas que em teoria modernizariam a Rússia. Inicialmente, para cativar a elite, foram criadas medidas liberais que regulariam a censura e menor controle policial sobretudo sobre universidades. Após isso deu início as medidas que dariam fim a laços feudais, formando uma nova classe social: camponeses proprietários de pequenas terras. Entretanto, as terras cedidas eram infrutíferas na maior parte do ano, devido as baixas temperaturas e solo geado, fazendo com que essa transição a um novo modo de mercado mais capitalista não tivesse sucesso. Isso é observado inclusive na tentativa falha de realizar exportações com o pouco que era produzido, contribuindo cada vez mais para o desequilíbrio interno e insatisfação da população. Mesmo as indústrias, que foram abertas para investimento de nações estrangeiras, não obtiveram o resultado esperado, trazendo o descontentamento até mesmo da burguesia industrial e seus operários.

Esse quadro decadente deu início a um movimento operário contra o governo que tinha como objetivo central impedir as reformas liberais e melhorar a condição de vida da população, já que a reforma proposta pelo czar obteve resultados contrários, o qual falhou em fazer uma reforma industrial desse porte, assim como a

abertura à uma forma primitiva do capitalismo em um país que tinha em quase sua totalidade a economia feudal.

Junto a esse movimento, começaram a surgir grupos extremistas, que pregavam a ideia de que essa transição era desnecessária, e queriam converter a Rússia em um governo socialista.

Um grupo de populistas que se consideravam revolucionários, chamado Terra e Liberdade, agregando camponeses e realizando trabalhos de revolução por todo o país, surgiu em 1876. Todavia, o fracasso desse trabalho devido a violência e repressão governamental culminou no surgimento de uma nova forma de abordagem por esse grupo, que passou a considerar o terror como único método viável para atingir os resultados desejados.

A partir de 1866, o então czar Alexandre II começa a sofrer atentados com o intuito de tirá-lo do poder e derrubar seu regime. Isso se repetiu no ano de 1867 e 1879, esse último já realizado pela organização Terra e Liberdade, fazendo até mesmo com que as reformas liberais fossem suspensas. Até que na terceira tentativa, em 13 de março de 1881, foram lançadas bombas contra o czar, resultando em sua morte.

Nessa ocasião, o ataque foi conduzido por uma associação política de populistas chamada “A vontade do povo”, originada de um braço da Terra e Liberdade, que tinham como a sua principal premissa o derrubamento da autocracia imposta por Alexandre II, e conquista da liberdade política, obtida por meio de seu assassinato. Seus partidários levaram a cabo a ideia de uma luta heroica contra a autocracia imposta. Entretanto, o grupo revolucionário não buscava a inclusão do povo em seus ideais, tendo a multidão passiva como uma brecha para alcançar seus objetivos com suas próprias forças, com a utilização de métodos de terror.

A partir de então, é possível observar o surgimento mais frequente de organizações criminosas que tinham como maior interesse a utilização do terror como método para chegar aos seus objetivos.

Em 1910, foi criada a organização secreta nacionalista Mão Negra, localizada na Servia, cujo objetivo primário era promover ações terroristas contra o Império Austro-húngaro, de modo a pressionar o governo e conseguir a libertação da Sérvia. Essas ações se utilizavam do método de terror e visavam unificar os sérvios em apenas um território.

Os conspiradores pertencentes às organizações recebiam treinamento especial de guerrilha e sabotagem, sendo divididos em pequenos grupos que tinham acesso limitado de informações e respondiam diretamente a comissões superiores.

A maioria dos membros acreditavam que o objetivo de unificação da Servia poderia ser alcançado por meio do assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono do Império Austro-húngaro.

Em 1914, um atentado foi realizado contra o Arquiduque por um membro da organização chamado Gavrilo Princip, na cidade de Sarajevo, na Bósnia.

Curiosamente, o ataque não foi planejado minuciosamente, tanto o assassino quanto a vítima estavam ali por acaso. Princip, apesar de cometer o crime a mando da organização a qual pertencia, não havia planejado matar o Arquiduque naquela ocasião específica.

A maioria dos historiadores concorda que, sem aquele magnicídio, a Primeira Guerra Mundial, a catástrofe da qual surgiram todas as demais catástrofes do século XX, não teria acontecido. Entretanto, este jovem sérvio da Bósnia de 19 anos, um atirador sem experiência, matou o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do império Austro-Húngaro, do qual a Bósnia era então uma remota província, e sua esposa, Sofia, depois de se encontrar com eles por acaso: nem o assassino nem as vítimas tinham previsto estar no local no qual se cruzaram. Com dois certos e improváveis disparos, destruiu o mundo tal como era conhecido até então. (ALTARES, 2014).

Assim, os acontecimentos do dia 28 de julho de 1914 tiveram consequências inimagináveis para o mundo na época.

Após o assassinato, o Império Astro Húngaro declarou guerra à Servia, arrastando um a um, os países europeus para o conflito, culminando nos eventos que deram origem a Primeira Guerra Mundial.

No mundo contemporâneo, o terrorismo proveniente do conceito francês previamente apresentado, sempre esteve relacionado com atitudes ideológicas e políticas, nesses casos, para a desestabilização do Estado.

Entretanto, durante períodos de Guerra (Primeira e Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria) é possível analisar e destacar comportamentos provenientes do Estado análogos ao terror. Como por exemplo a ideologia Fascista (Benito Mussolini – Itália), nazista (Adolf Hitler – Alemanha) e comunismo x capitalismo. A justificativa

do uso desse método busca seu alicerce na decretação da Guerra, para legitimar seus atos e justificar atos terroristas⁴

Aquino (1998, p. 40) estabeleceu que a guerra é justa se for decretada por alguém que tenha autoridade para tanto, com a finalidade claramente exposta de uma justa causa e perseguição da paz.

Porém, é no sec. XX que tal conceituação toma maior importância, isto pela ocorrência de duas guerras mundiais e o aparecimento de armas de destruição em massa. Paralelamente surgem as entidades supranacionais que tentam reger e estabelecer a justiça das guerras. Assim a organização das nações unidas em sua Carta da ONU prevê procedimentos para se evitar a guerra e mesmo tomar medidas bélicas preventivas através de seu conselho de Segurança, sendo calcada tal carta na preservação da paz, admitindo a guerra preventiva e mantendo largamente o conceito de legítima defesa de um país indevidamente agredido. (ROSSETI, 2011, p. 55).

Do lado ocidental do Atlântico, o termo foi dicionarizado pelo Brasil apenas em 1836, quase quatro décadas depois de ser cunhado na França. E até hoje não há uma legislação eficiente que defina exatamente o atentado terrorista principalmente porque o Brasil se considera no patamar de probabilidade mínima de sofrer um ataque, se utilizando de outras configurações e penas para julgar atentados terroristas até 2016.

Isso se deve ao fato de que as violências cometidas na América Latina são diferentes das violências comparadas com o terrorismo nos Estados Unidos.

A constituição Brasileira de 1988, repudia o terrorismo, mas não promove uma punição adequada ao ato como os Estados Unidos por exemplo. Assim como os outros países da região da Tríplice Fronteira, não há amparo legal nem leis aplicáveis a isso de acordo com o Código Penal de cada país.

A região da Tríplice Fronteira, formada por Argentina, Brasil e Paraguai, é considerada o maior foco e preocupação norte americana no que diz respeito a questões de segurança e desvio de recursos para organizações criminosas na América Latina.

É uma região geográfica que se tornou uma terra de imigrantes após a Guerra do Paraguai, depois de 1870, onde houve a dizimação de grande parte da população do Paraguai.

⁴ Vide lançamento de bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki em 1945, liderado pelos EUA, causando a morte de 120 mil civis.

Após vários incentivos governamentais, houve uma onda forte de imigração nos anos 60, sobretudo de pessoas provenientes da Síria, Líbano e uma minoria muçulmana.

Essa minoria cresceu com o passar dos anos, sendo inclusive relacionada com os atentados sofridos pela região, culminando na criação da expressão “Tríplice Fronteira”

Até hoje não existem dados esclarecidos sobre alguns atentados ocorridos nessa região de 1992 a 2007, sendo esse último ano crucial de levantamento de questões envolvendo segurança, religião e política.

Até antes dos anos 90, era de preocupação geral dos governos dos países da região a questão que envolvia atividades ilícitas, mas foi a partir de 2001 que o terrorismo entrou na pauta de segurança das fronteiras, graças a atenção dada pelos Estados Unidos a certos grupos, como Hezbollah⁵ e Hamas, presentes na região Tríplice Fronteira com potencial atividade de financiamento terrorista e simpatizantes da causa.

Na região do Oriente Médio, é necessário analisar questões que vão além de conflitos internos, que envolvem temáticas de política, economia e religião.

A origem desses conflitos tem como grande influência a exploração de recursos por parte de outros países para satisfazerem seus próprios interesses econômicos. Tais intervenções estrangeiras tiveram uma repercussão negativa nos países da região, culminando em uma conflituosa relação entre eles, com o envolvimento majoritário dos EUA.

2.2 A INFLUÊNCIA NA SEGURANÇA INTERNACIONAL

Anteriormente à questão sobre guerra ao terror levantada pelos Estados Unidos, os estudos sobre segurança internacional já vinham evoluindo e ganhando força após a Segunda Guerra Mundial, pelo avanço da bipolaridade mundial.

A Guerra Fria surgiu como uma nova estrutura de poder, em meados de 1940 marcados pela disputa de armamento nuclear e EUA vs. URSS. A primeira década desse avanço é também caracterizada como o período mais criativo e estimulante de toda a história dos estudos de segurança, segundo David A. Baldwin. Isso se dá pelo fato de que havia uma abrangência muito grande de assuntos do que um

⁵ Hezbollah significa “Partido de Deus”. É uma organização política e militar apoiada pelo Irã.

Estado deveria defender. A conceptualização era pouco utilizada em sua forma teórica, mesmo considerando os ideais realistas dos governos daquela época. Principalmente pelo fato de que as ameaças enfrentadas pelo Estado eram majoritariamente do tipo militar. E mesmo assim, existia um escopo bem amplo do que significa esse enquadramento reduzido, que sugere a guerra e as várias maneiras pelas quais a força militar pode ser empregada e seus fundamentos, logo envolvendo economia e estruturas políticas governamentais. Ou seja, até o começo do desmantelamento da Guerra Fria, os Estudos de Segurança Internacionais eram considerados fortemente estado-centristas, sendo apenas uma divisão estratégica das Relações Internacionais, regidas pela utilização de força como resposta a questões de conflito.

Entretanto, segundo Buzan (2012), existem quatro questões que servem de alicerce para os ESI desde o final da Segunda Guerra, que permitem o estudo mais teórico e político aprofundados e como essas perspectivas compartilham um terreno comum de discussão mesmo nos dias de hoje, servem de lentes analíticas e ferramentas as quais é possível se ver a evolução dos ESI.

Enxergar os ESI por meio dessas questões torna claro que há decisões normativas e políticas fundamentais envolvidas na definição de segurança, e que isso faz dela um dos conceitos essencialmente contestados nas Ciências Sociais modernas. Segurança é sempre um conceito hifenizado e está sempre ligada a um objeto de referência específico, a localidades internas e externas, a um ou mais setores e a um modo particular de pensar sobre política. (BUZAN, 2012, p. 37).

A primeira questão refere-se a constituir algo que precisa ser assegurado e o Estado como referência. Tanto nacional, como internacionalmente, já que para assegurar a humanidade, deve-se assegurar o Estado primariamente como um instrumento para garantir a segurança dentro de sua referência. E a vertente debatida é justamente: até que ponto nos dias atuais o Estado, dentro de suas relações entre nações, governo e cidadão é o único objeto de referência em segurança?

A segunda questão visa incluir ameaças internas e externas, levando em conta a soberania atrelada ao governo Estatal, e seu posicionamento frente a ameaças em relação aos seus limites territoriais. Mas quais são esses limites, considerando que algumas ameaças não se enquadram em um território definido, não tendo uma distinção entre “dentro” ou “fora” de seus limites?

Em terceiro lugar, existe a expansão da segurança para além do setor militar e do uso da força, como tentativa de desconstruir a ligação de segurança internacional com força militar. Mesmo durante a Guerra Fria, existia a necessidade mesmo que subestimada de incluir questões como desenvolvimento econômico, estabilidade governamental, crescimento de recursos em âmbitos da ciência, tecnologia e ambientais. Anos depois, os interesses foram sendo substituídos, havendo uma maior ampliação do que o termo de segurança abrangeria.

Por fim, a quarta questão refere-se à associação de segurança com o recebimento de ameaças, percepção de perigo e urgência. De modo que o Estado como ator central percebe a si próprio como ameaçado por um oponente hostil. Entretanto, hoje essa associação se torna muito mais complexa diante da possibilidade de a ameaça ser desconhecida.

Todas essas questões sofreram e ainda sofrem constante transformação e diferentes análises desde o fim da Guerra Fria, até os dias de hoje. A transição da bipolaridade para a unipolaridade trouxe grandes consequências para a política de poder mundial, e existem diversas teorias usadas para enfrentar essa questão que se torna muito mais abrangente com o estopim de globalização trazido pelo capitalismo e a nova ameaça conhecida como terrorismo, e seu marco de partida 11/09/2001.

Duas delas explicam de uma forma ampla e já conhecida algumas das mudanças que vem ocorrendo.

A perspectiva neorrealista aborda a distribuição de poder material no sistema internacional determinante para a política global. E como tais mudanças afetam a segurança internacional, desconsiderando a divisão de polos (bipolaridade, multipolaridade e unipolaridade).

Usando a teoria aplicada ao atentado, é necessário tornar os Estados Unidos tanto vítima quanto responsável pelo ataque sofrido, sendo apenas uma consequência da sua posição privilegiada no mundo e sua influência sobre “nações periféricas”⁶. Toda essa influência e presença nesses países desagrada tanto Governos Estatais quanto organizações criminosas.

Isso significa que sua unipolaridade não é vista por todos com bons olhos, o que é provado pela realização do ataque, liderado por países os quais os Estados

⁶ Os neorrealistas podem analisar os desdobramentos do 11 de setembro apontando para um realinhamento de suas interações entre nações de mesmo poder e poder reduzido..

Unidos estavam em conflito e/ ou estava em um impasse sobre questões sobre petróleo no Oriente Médio.

Ainda, considerando os Estados Unidos como a única superpotência, que enfatiza o poder de controle sobre tudo e todos, fortalecendo seu próprio estado e sua influência sobre outros, com medidas de segurança que seriam ainda mais incrementadas após o atentado, mostram que toda essa busca por invulnerabilidade surtiram o efeito contrario, principalmente porque um mundo regido pela globalização e maior circulação de pessoas, torna difícil a fiscalização Estatal em cima da população.

Como resultado, houve um aumento dessa fiscalização por parte dos Estados Unidos, que deu inicio a Guerra ao Terror para legitimar ataques de retaliação como parte de uma nova agenda de medidas de segurança.

Já a perspectiva regionalista contém alguns elementos neorrealistas, porém defende que a rivalidade antes muito grande entre potências tinha uma maior força de poder e competição mais acirrada em pontos espalhados pelo globo, hoje em dia estão restritos a dinâmica doméstica e sua vizinhança.

Após a Guerra Fria, houve uma maior preocupação com a segurança regional que é reforçada com a ocorrência do ataque terrorista. Isso vale tanto para os Estados Unidos, quanto para o Oriente Médio, esse ultimo sendo vinculado a Al-Qaeda em questões de segurança e proteção regional, mesmo não sendo um Estado dotado de território, usa da sua grande influencia para controlar questões militares, econômicas e políticas da região.

Essa conexão do grupo terrorista influenciou diretamente nas relações do Oriente Médio com os Estados Unidos, que tem interesses na região. Ampliando o descontentamento e capacidade de resposta por meio do Oriente Médio, mesmo que por uma organização terrorista.

Ambas teorias defendem a territorialidade e segurança, enfatizando o poder do Estado como objeto de mais peso internacional, visando o interno como perspectiva de segurança, a preocupação exacerbada de questões políticas e militares e uma desconsideração do fenômeno da globalização, que exige uma maior percepção e prevenção das novas ameaças provenientes do mundo atual.

O novo impasse causado pelo ataque diz respeito a dificuldade dos Estados Unidos em equilibrar a preservação de liberdades civis que não tenham mudanças

tão relevantes para a população em geral e a necessidade do Estado de criar mais segurança interna.

Isso significa que a partir do atentado de 11 de setembro, o mundo mudou drasticamente e com ele, os estudos e ferramentas que compõe os Estudos de Segurança Internacional. Por exemplo, os atentados e a forma como eles evoluíram com o nascimento e ascensão de organizações criminosas que atuam mundialmente alteraram o cenário em que as quatro questões previamente apresentadas se encaixavam. A primeira questão traz o Estado como referência e tudo o que ocorre dentro dele. A segunda sobre limites territoriais e suas ameaças externas e internas. A terceira sobre a expansão de segurança para além de áreas militares e a última sobre o que é considerado ameaças e percepção de perigo. Essas questões foram criadas para lidar com a relação Estado – Estado, desconsiderando que a ameaça pode vir de um âmbito totalmente novo e sem face. Até 2001, essa era a realidade mundial no quesito segurança, e ninguém estava devidamente preparado para as mudanças que esse ano traria.

Todavia, não são necessárias novas teorias ou a invalidação de alguma perspectiva teórica das RI para estudar os resultados que esse atentado teve, pois não se altera o quadro internacional como um todo, apenas acrescenta preocupações a questões já existentes, tornando-as um pouco mais complexas.

Os Estados, antes considerados referência na questão da segurança, são diferentes dos terroristas justamente pela maneira que operam, esses últimos não possuindo um núcleo central de comando e tomada de decisões estabelecida num lugar só. Ainda, o terrorismo tem um mecanismo de funcionamento que permite a ação independente de fronteiras, tornando difícil localizar seu ponto de origem ou mesmo quem é o responsável por trás da organização, se utilizando de combatentes dispostos a abrir mão da própria vida em prol de um ideal.

Para compreender o total arranjo dessa nova era da segurança internacional, é necessário ter uma visão primária do panorama geral entre Estados e Segurança.

Existem muitas variáveis a considerar como a questão territorial e religiosa, que estão presentes no estudo desse caso específico.

O que antes era uma questão simples de entendimento predominantemente militar, sofreu transformações que agregam novos atores, questões políticas e econômicas.

Essas novas questões mostram que não é necessário ser possuidor de um território para atingir outro, mesmo estando a milhares de quilômetros de distancia. A globalização, e a aparente facilidade em sequestrar aviões para colidi-los com prédios apontou que o terrorismo não estava restrito à sua região de conflito, abrindo precedentes para outros ataques que vêm ocorrendo mundo afora (e principalmente em países desenvolvidos como Estados Unidos, Espanha, Inglaterra e França, entre outros). Essa falsa sensação de segurança levou os Estados a acreditarem que depois da Guerra Fria, a ideia de guerra estava fora de cogitação.

A globalização está intrinsicamente ligada ao terrorismo islâmico, existindo um choque de valores ocidentais e tradicionais que acaba por criar uma grande resistência muçulmana. Aliamos isso ao fato de que ficou evidente que hoje em dia é possível causar um grande impacto mesmo não causando um grande impacto, ou seja, é possível chocar o mundo todo destruindo “apenas” duas torres. Esse paradoxo ocorre graças ao papel da facilidade de movimento, disseminação de informação em tempo real e o elemento surpresa utilizado por esse método.

Uma questão importante a ser discutida é o papel crucial da grande mídia em cima de ataques terroristas atuais.

O 11 de setembro trouxe a ascensão de organizações terroristas como atores de ameaça no âmbito internacional, papel esse que foi repercutido mundo afora, imortalizando o ataque na mente de bilhões de pessoas que se comoveram com o ocorrido. A extensão do significado desse atentado vai muito além da destruição de duas torres. Curiosamente, o ataque premeditado tinha como objetivo justamente isso, a mobilização geral de uma nação que se considera estar no “topo do mundo”. Até mesmo a escolha dos alvos teve uma simbologia muito grande, que em um primeiro plano seriam destruídos o World Trade Center em Nova York, simbolizando a destruição da economia, e o Pentágono e a Casa Branca, ambos localizados em Washington—DC., simbolizando a força militar e política, respectivamente.

Mesmo não atingindo 100% dos alvos escolhidos, a organização Al- Qaeda ficou conhecida como a responsável pelo maior ataque terrorista que o mundo já presenciou. Isso se deve não apenas pela natureza da ação, mas também pelos seus minuciosos detalhes de execução e pela elaboração de um plano tão audacioso.

É uma manobra extremamente inteligente atingir um prédio buscando atingir toda uma nação, que passara a desacreditar da imagem de invulneráveis pregada pelo governo Norte Americano.

Atingir a população para atingir um governo, que deveria a estar protegendo é um meio seguro de se chegar ao objetivo.

Após o atentado, o governo declarou guerra ao terror e grande retaliação à países do Oriente Médio, sendo apoiado por grande parte da população e repercutindo negativamente em questões sociais, já que esse mesmo povo passou a generalizar e associar terrorismo com islamismo.

Essa campanha teve um impacto cultural muito forte nos americanos em relação a xenofobia, mas ao mesmo tempo não aumentou as estatísticas de perigo propriamente ditas, ou seja, as pessoas não pararam de realizar suas atividades rotineiras, viajar de avião, trabalhar, frequentar lugares públicos lotados com medo de um novo ataque.

A ideia do atentado nunca foi causar uma guerra, e sim mostrar a possibilidade de que outros Estados (no caso, uma organização) também podem ter poder sobre os Estados Unidos.

A resposta de retaliação e invasão do Oriente Médio não só não obteve êxito em acabar com os grupos terroristas, como causou a abertura de um precedente para que mais atentados ocorressem, e mais organizações fossem formadas com esse intuito, inclusive num patamar mais organizado que a Al-Qaeda, como é o caso do Estado Islâmico.

2.3 O TERRORISMO ATUAL

Foi durante Guerra Fria que começaram a surgir muitos grupos terroristas como conhecemos hoje.

Depois dos anos 80 e os conflitos no Oriente médio que deram origem ao terrorismo relacionado ao fundamentalismo religioso, vivemos atualmente uma guerra ao terror, com muito mais alcance e repercussão do que acontecia anos atrás.

Ao contrário do que ocorria no passado, onde o terrorismo era praticado por grupos e organizações criminosas revolucionárias limitadas a agir dentro do território

do seu estado, ou mesmo o controverso Terrorismo de Estado, hoje em dia a totalidade do uso do método terrorista fica por conta de organizações criminosas com alcance global.

Temos agora um inimigo difuso, desconhecido, sem “face”, que pode habitar qualquer território, mesmo o nosso, movido por ideais e concepções que estão longe de serem compreendidas pela cultura ocidental. Não há exércitos nem sítios específicos para se invadir, a estratégia militar muda completamente. (ROSSETI, 2011, p. 52.).

Atualmente, é necessário analisar mais a fundo essa mudança e alguns pontos que influenciam nessa nova realidade, principalmente o conceito do terrorismo transnacional, e todos os seus aspectos.

O mundo está sujeito a conflitualidade em escala mundial já que existe um grande conflito de interesses entre países e uma grande rivalidade, sendo assim o modelo capitalista marcado de grandes incertezas.

Ao mesmo tempo em que países cooperam entre si regidos pelo princípio da interdependência complexa, existe também uma grande disputa de poderes pelas superpotências, o que acaba refletindo e afetando áreas significativamente menos desenvolvidas, seja pela exploração de recursos por outros países, ou por estarem em áreas estratégicas.

É possível observar no mundo atual dois importantes aspectos que explicam esse fenômeno (CORREIA, 2010):

- Comunicação e facilidade de se obter informações em tempo real, documentando a todo momento o que acontece em qualquer área do mundo, entretanto também é extremamente fácil de ser manipulada. Ou seja, se pode moldar a imagem de acordo com o impacto que se deseja causar.
- Interesses econômicos, que acaba se tornando a base de definição de ameaças e conflitos, colocado em risco o desenvolvimento econômico dos Estados, que irão defender seus interesses a todo custo.

Existe ainda um outro aspecto importante que diz respeito a imprevisibilidade de ameaças. Com toda essa interligação entre estados, o que antes eram ameaças inimagináveis para os ocidentais, ocorridas no Oriente Médio, Iraque, Afeganistão, ou Colômbia, hoje pode ocorrer em qualquer lugar do mundo, inclusive grandes centros financeiros como Nova York. Tomamos como exemplo o atentado de 11/09, e guerra no Iraque que foi desencadeada a partir de então, sobretudo por uma

questão não expressa sobre o controle de fontes de petróleo, que eram de grande interesse para os EUA.

É um exemplo claro de como esses aspectos juntos ou separados podem influenciar na ordem mundial, e qual o papel de veículos de comunicação nisso tudo, que apoiaram a retaliação americana, com um discurso sensacionalista ligando terrorismo e islamismo e omitiram reais interesses econômicos por parte dos Estados Unidos.

O terrorismo sempre existiu, em toda a parte e em todos os tempos. Só passou a ser uma ameaça global, a merecer um combate a nível planetário, quando os EUA se viram atacados na sua própria casa. (CORREIA, 2010, p.103).

Depois do atentado de 11/09 os elementos que fundamentam a guerra como a conhecemos, limitada a Estado contra Estado, com territórios definidos e exércitos legítimos, foram mudados. Até então, a guerra tinha uma “face” e um padrão de desenrolar normalmente marcados por agressões armadas e rebatidas, ou seja, fatores clássicos vistos em varias épocas e grandes guerras da historia da humanidade.

Conforme afirmado e demonstrado, os governantes e impérios sempre precisaram de uma justificativa moral, ética para a guerra. Isto porque a guerra implicará sempre e sempre, terríveis perdas materiais e humanas, cujos efeitos no tempo e na historia são incomensuráveis.

Tal necessidade é a mesma com relação ao terrorismo, pois a partir do evento de 11 de setembro foi declarada uma guerra, cujos efeitos e consequências são impossíveis de se prever, salvo que a cada ato certamente teremos uma reação, levando a um banho de sangue de inocente civis de lado a lado. (ROSSETI, 2011, p. 56).

Com a decretação da Guerra ao Terror, houve mudança nas questões padronizadas de guerra, porém a necessidade de se justificar uma guerra não mudou, se baseando na moral para obter a autodefesa, liberdade e democracia, promovendo a disputa entre modelo liberal, e seus valores no mundo ocidental contra o tradicionalismo dos radicais muçulmanos. E os Estados Unidos, como a única superpotência se congratularam-se com a tarefa de liderar essa missão, com a premissa de intervir em outros Estados se necessário, em qualquer região do mundo, até mesmo por meio da guerra preventiva, visando eliminar qualquer ameaça a sua credibilidade e titulo de superpotência mundial.

Essa nova forma de terrorismo, tem como base uma confrontação ideológica, marcada por uma base fundamentalista, considerado um fenômeno complexo, podendo se utilizar de questões políticas, étnicas, sociais, econômicas ou culturais, e recentemente a religião.

Com a ascensão do fundamentalismo religioso e emprego de ideais que são disseminados por todas as vias de comunicação atualmente, o cenário tradicional de guerra se altera. Principalmente no campo da política internacional. Agora, se tornou uma equação complexa que desafia o entendimento até mesmo de experientes analistas estratégicos e militares. Justamente por não possuir o padrão: Estado, território e exércitos determinados. Não se sabe onde começa, onde termina e nem o alcance de seus horizontes e poderes.

Boa parte da repercussão desses atentados se dá ao fato da dimensão que esses ataques podem ter, a força potencial e todo o seu preparo, incluindo todo um planejamento e organização, sediados por países teoricamente isolados do sistema de grande importância internacional.

Esse tipo de terrorismo segue alguns aspectos que acabam por padronizando-o frente a outros do mesmo tipo, sendo possível essa identificação na maioria dos atentados atuais.

Eles se utilizam de lugares públicos para concretizarem seu ato, preferencialmente à luz do dia, com o maior fluxo de pessoas possível, geralmente sendo praticado de uma forma aparentemente aleatória que dificulte a identificação de quem praticou o ato.

Todavia, os atentados terroristas atuais não influenciam na configuração geral do Estado, salvo que os desestabilizam por um curto período de tempo.

Hoje em dia o terrorismo que estamos lidando visa causar efeitos negativos a países estáveis para interromper a sua capacidade operacional e causar nervosismo em grandes metrópoles por meio de ataques aparentemente aleatórios com o efeito surpresa.

Esses grupos terroristas atuais são fracos, e que na verdade eles são sintomas, e não agente histórico significativo, situação que não se altera ante a atual circunstância de possibilidade de um pequeno grupo ou mesmo um indivíduo poder causar um imenso dano em razão das armas de destruição em massa. (HOBBSAWUN, 2010, p.134).

Os terroristas, ou as pessoas que simpatizam com a causa de determinado método terrorista são na maioria das vezes excluídos, marginalizados e de origem periférica, usadas para desafiar o sistema e tratadas como soldados pelos responsáveis pelas organizações, implantando neles uma ideologia oposta ao sistema como ele é.

No mais, diante de toda essa facilidade de comunicação nos dias atuais, salvo a ideologia fundamentalista, é possível analisar paralelamente o surgimento de uma outra preocupação da questão de segurança internacional chamada ciberterrorismo. Este, por sua vez, são ataques causados exclusivamente via internet, geralmente à sites governamentais com o objetivo de causar dano a sistemas ou equipamentos. Assim, tornam a internet em uma arma poderosíssima capaz de desestruturar bases de dados Estatais e serem considerados de grande ameaça possivelmente comparada à terroristas que produzem ataques físicos. Podem não causar danos sólidos, porém é de extrema preocupação que obtenham informações sensíveis à integridade e até mesmo afetando dados da população.

2.4 TERRORISMO ISLÂMICO E GRUPOS TERRORISTAS

A questão que aborda o terrorismo atual gira em volta erroneamente da religião Islâmica, envolvendo também questões políticas e sociais.

Depois da repercussão do primeiro atentado, o fundamentalismo islâmico ganhou força, devido a natureza transnacional desse tipo de operação, e mais tarde foi criado por um grupo radical, um califado⁷, que posteriormente evoluiu para um Estado autoproclamado.

Esse califado é referente ao Estado Islâmico, um grupo jihadista radical que nasceu com o intuito de se firmar e se tornar um estado propriamente dito.

O fundamentalismo islâmico é considerado por muitos estudiosos como um movimento contra cultural, que tenta mostrar para o ocidente que os valores de liberdade e globalização disseminadas por um estado laico são falhos. Que valores tradicionalistas são a resposta para que o mundo “funcione”.

Entretanto, o terrorismo é gerado pelo fundamentalismo como uma forma de ação, porém não é necessariamente uma regra. Durante a década de 90 e a

⁷ Forma de governo Islâmico, regido pelo livro sagrado Alcorão.

ascensão de vários desses grupos extremistas⁸ e posteriormente o ataque aos Estados Unidos, houve essa associação entre os dois termos, e uma aparente guerra entre o fundamentalismo islâmico e o governo norte americano.

Depois de perceberem quanta repercussão o 11/09 gerou, os grupos extremistas passaram cada vez mais a usar os meios de comunicação a seu favor, principalmente a internet. Usada para fortalecer a organização, com toda a propaganda gratuita feita em cima de suas manobras, ela se torna uma arma muito útil para expandir cada vez mais suas ideologias em escala mundial.

É justamente essa propagação de ideologia que acaba atraindo mais pessoas a se juntarem a uma organização desse tipo.

O discurso usado, muitas vezes cheio de sensacionalismo e promessas vazias de muito reconhecimento e riquezas é disseminado através da internet e tenta passar a imagem de que o grupo possui muito mais força do que aparenta, visando atrair novos combatentes do mundo inteiro para se juntar a causa.

Esses grupos terroristas da atualidade buscam se fixar em territórios considerados “seguros”. Esse conceito é chamado de *safe haven*⁹, que pressupõe a existência de uma área não governada ou malgovernada, que facilitam a operação dessas organizações num ambiente marcado pela ausência de controle estatal (AYERB, 2009).

Um lugar onde o Estado ou o governo central é incapaz ou não deseja estender controle, efetivamente governar, ou influenciar a população local, e onde um governo provincial, local, tribal, ou autônomo não governa plenamente ou efetivamente, devido a inadequada capacidade de governança, insuficiente vontade política, lacunas na legitimidade, presença de conflito, ou restritivas normas de comportamento. (LAMB et al., 2007, p.6).

É possível identificar nitidamente esse padrão em grupos como o Hezbollah, com operações na Tríplice Fronteira, local marcado pelas lacunas de controle estatal e facilidade de movimentação criminosa, e o Estado Islâmico que tem se aproveitado de conflitos na região do oriente médio, em especial a Síria e certas regiões iraquianas, para tomar controle de territórios e expandir seus domínios.

⁸ Al-Qaeda, Hezbollah, Hamas, Estado Islâmico, Talibã, entre outros.

⁹ Termo utilizado para denominar territórios seguro para operações de organizações criminosas e terroristas, geralmente localizados em lugares estratégicos em áreas de conflito com pouco ou nenhum controle governamental.

3 ISIS E INFLUÊNCIAS

A ascensão de grupos terroristas se tornou mais recorrente depois do atentado de 11/09.

Como dito anteriormente, essa data foi um marco para os Estudos de Segurança Internacional, que passou a admitir o terrorismo como um novo ator de ameaças.

Nesse cenário, surge um conceito completamente novo no que diz respeito a complexidade das organizações terroristas, que passaram a utilizar mais técnicas e métodos para alcançar seus objetivos.

Desde então, o grupo que desde 2014 vem se destacando e causando preocupações de governos e Organizações Internacionais por abalar a estrutura de segurança mundial é o Estado Islâmico, que não possui território definido e se considera um Estado autoproclamado, regido pelas leis islâmicas e comandado por um califa¹⁰. Aplicando inclusive suas leis à população que vive nas áreas em que controla, obrigando-as a se converter ao islamismo e viverem de acordo com suas regras.

O EI possui uma complexa rede de operações que vão desde o recrutamento militar à administração de redes petrolíferas no Oriente Médio.

Esse arremetimento consiste principalmente em combatentes e comandantes expulsos das Forças Armadas iraquianas para compor seu quadro de guerrilheiros.

No mais, angariando simpatia de um povo oprimido por sucessivos governos, trazendo a promessa de uma vida melhor e cheia de regalias para seus seguidores.

Isso ocorre sobretudo em locais onde há interpretação islâmica sunita por parte da população, que considera o califado algo de extrema importância religiosa.

Porém, apesar do apoio recebido por diversas localidades na região do oriente médio, o mesmo não ocorre no lado Ocidental do planeta.

Seu *modus operandi*¹¹ é algo que mais causa controvérsias e indignação da maior parte da população mundial, composta por técnicas extremamente violentas e inescrupulosas para disseminar sua ideologia, que incluem decapitações,

¹⁰ Califa é o título atribuído ao sucessor de Maomé, como digno de ser líder da comunidade muçulmana.

¹¹ Significa modo de agir ou modo de operação, se utilizando dos mesmos procedimentos para executar uma atividade.

crucificações, apedrejamento e sepultamento. Gerando uma grande repercussão na mídia, que acaba por favorecer o grupo terrorista.

Seu exercito é sua principal arma, que consiste em ações calculadas por seus soldados treinados de forma intensa. Geralmente são recrutados jovens que são facilmente manipuláveis devido a não possuir ainda uma visão formada de mundo, em que os recrutadores se aproveitam desse questionamento ideológico para convencê-los a se juntar a causa, com promessas frequentes de riquezas e reconhecimento.

Esses jovens são provenientes de varias partes do mundo, inclusive lugares como Reino Unido e Austrália.

Toda a operação do Estado Islâmico acontece dentro do proclamado califado, forma de governo islâmica que agrega um território onde todos os muçulmanos viveriam de acordo com o Islã original. Ainda, seus integrantes seguem o salafismo¹² que evoca o jihad¹³ contra o Ocidente. (BEZERRA, 2015)

Se o EI conseguir criar uma nação com territórios do Iraque e da Síria, a ameaça representada por esse feito irá muito além da paisagem política dessas duas nações. Pela primeira vez na história moderna, uma organização armada terá alcançado o objetivo final do terrorismo: criar seu próprio Estado nacional com as cinzas de nações consolidadas, e não por meio de uma revolução, tal como aconteceu no Irã, mas com uma guerra de conquista tradicional com base em táticas terroristas. Se lograr o feito, o Estado Islâmico haverá se tornado o novo modelo de terrorismo. (NAPOLEONI, 2015)

Tudo isso vem implicando na reconfiguração de fronteiras no Oriente Médio, resultado de anos de intervenção e imposições ocidentais.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO ISIS

Historicamente, há diversas teorias que tentam explicar a origem do grupo.

Uma delas e a mais importante remonta a busca pelo califado desde o século VII, após a morte de Maomé, onde deveria haver uma sucessão do governo com o poder de aplicar a Charia¹⁴

¹² Abordagem fundamentalista e conservadora do Islã que prega valores tradicionais de acordo com as tradições antigas islâmicas.

¹³ Jihad significa, literalmente, o “esforço no caminho de Deus”. Neste sentido, pode ser o esforço pessoal que o fiel faz para seguir a vontade de Deus na sua vida. No entanto, há correntes islâmicas que o interpretam como fazer a guerra santa contra os infiéis. (BEZERRA, 2015)

¹⁴ A Charia é o nome que se dá ao código de leis do islamismo. Em várias sociedades islâmicas, ao contrário das ocidentais modernas, não há separação entre a religião e o direito, todas as leis são

Dentro da religião islâmica, existe a divisão de fieis xiitas e sunitas.

Os sunitas, originalmente acreditavam que Maomé não possuía herdeiros, assim qualquer fiel é um possível candidato a sucessão, desde que isso seja aprovado pela comunidade num consenso. Esse é o ramo ortodoxo e tradicionalista da religião islâmica.

E existe o grupo de fieis xiitas, que no passado eram uma facção política, liderados por Ali, que representa a minoria da população muçulmana, e acredita que líderes descendentes de Alá são capazes de governar um califado.

Curiosamente, o EI é formado por muçulmanos sunitas, que propagam uma visão distorcida do islamismo, inclusive considerando que os xiitas são infiéis e devem ser mortos.

Nem sempre o Estado Islâmico possuiu essa configuração atual.

Ele passou por vários processos de mudança de nome e liderança com o passar dos anos. Essas mudanças implicam numa relevante importância para análise, já que gerou inúmeras reestruturações na organização.

Os eventos de 11 de setembro desencadearam vários resultados que viriam a culminar no nascimento posterior do Estado Islâmico.

No ano de 2000, Abu Musab al-Zarqawi, um salafista nascido na Jordânia, se encontrou pela primeira vez com Osama Bin Laden, líder do Al-Qaeda na época.

Apesar do convite feito por Bin Laden para se juntar ao grupo, Al Zarqawi recusou o convite, tendo suas próprias metas de vida que incluíam combater um inimigo próximo, na região do Oriente Médio, ao invés de se empenhar na guerra contra o Ocidente promovida por Bin Laden.

Eventualmente, acabou se tornando um braço Iraquiano do Al-Qaeda, que operava tanto no Iraque quanto na Síria. Al-Zarqawi foi o responsável por disseminar a interpretação restrita do Islã que é até hoje o alicerce do que o seu legado se tornou. Ainda, utilizou o sectarismo da religião para estimular conflitos entre os sunitas e xiitas. Essa segregação era desaprovada por Bin Laden, que era inclusive contra a ideia jihadista.

Em meio a guerra entre Iraque e EUA que se desenrolava na época, Zarqawi liderou o braço iraquiano da Al-Qaeda através da guerra, conseguindo captar

recursos e aumentar o número de seguidores para enfrentar as forças americanas, entretanto seu modo implacável de agir quase culminou numa guerra civil no país.

Zarqawi foi morto em 2006 por um ataque aéreo americano. Passado sua liderança para Abu Ayyub Al-Masri e Abu Omar al Baghdadi, que também foram mortos em 2010. (BERCITO, 2015)

Nesse intervalo de tempo, houve o expressivo enfraquecimento dos movimentos jihadistas no Iraque, resultados da desaprovação da própria população e devido às ofensivas americanas no país.

Em 2010, abu Bakr al Baghdadi assumiu a liderança do grupo, retomando o nome antigo, legado de Zarqawi, que era Estado Islâmico do Iraque, e começou a distanciar das ideologias da Al-Qaeda.

Baghdadi começou então, a disseminar ideais mais tradicionalistas, prospectando seguidores e maior credibilidade no Iraque.

Porém, ele percebeu que a influência sob o Iraque não era o suficiente, vendo no conflito Sírio uma possibilidade de expansão.

A situação de calamidade na Síria não só proporcionou o local perfeito para expansão como também recursos financeiros e capacidade militar.

Geograficamente, o EI não só se aproveitou do frágil momento político desses países para ampliar seu crescimento e recursos com o intuito de se custear. Nesse cenário, o grupo surgido da influência de outras organizações, com interesse na fragilidade do governo Sírio enxergaram na guerra estatal que acontecia no país uma oportunidade de crescer e se expandir no *safe haven*, conceito já explicado anteriormente.

Ao contrário dos líderes da Al-Qaeda, que evitavam lançar-se em conquistas territoriais para concentrar-se no combate ao inimigo de terras distantes, ou seja, os Estados Unidos, al-Baghdadi comungava na crença de al-Zarqawi de que, sem uma grande e forte base territorial no Oriente Médio, sua luta estaria fadada ao fracasso. O sonho acalentado por ele era tão ambicioso quanto o que al-Zarqawi alimentara: recriar o Califado de Bagdá por meio de uma guerra de conquista contra os inimigos próximos — as elites oligárquicas e corruptas que governavam a Síria e o Iraque, os xiitas. (NAPOLEONI, 2015)

Até 2013, o EI ainda era um braço da Al Qaeda apesar do distanciamento de ideologias.

Baghdadi negociou com outra organização atuante na Síria chamada Frente Al-Nosra, grupo jihadista também filiado ao Al Qaeda, que também se opunha ao governo de Al-Assad¹⁵ uma fusão que tornaria os dois grupos em um só, se tornando o Estado Islâmico do Iraque e do Levante. (NAPOLEONI, 2015).

Essa fusão desagradou a Al-Qaeda, que nessa época já não possuía tanta influencia como há 10 anos antes, o que culminou no completo distanciamento entre os grupos.

Em janeiro de 2014, Baghdadi, declarou a criação de um califado, um estado governado conforme sua própria interpretação distorcida da lei islâmica que unia política a religião e começou a reunir seguidores vindos de todas as partes do mundo. No mesmo ano, seu nome foi mudado para o conhecido atual, Estado Islâmico.

Esses muçulmanos radicais, a partir de então, vem aplicando sua lei divina, baseados em seus livros sagrados, seguindo o código básico da lei islâmica interpretada pelo livro sagrado Alcorão e a Suna¹⁶ buscando impor seu modelo de vida aos considerados por eles como não puros. Sendo muitos desses ataques terroristas causados por eles provenientes dessa má interpretação dos valores islâmicos.

3.2 AÇÕES E AMEAÇA GLOBAL

Segundo Hagel¹⁷, o Estado Islâmico vai além de qualquer ameaça já vista no quesito terrorismo. Ele ainda defende que o EI não é um grupo terrorista propriamente dito, e sim um projeto de Estado com armas sofisticadas, uma ideologia autoritária e recursos abundantes obtidos por meio de financiamento externo, que permite que o grupo continue sua ofensiva. Ainda, declara ele que os Estados Unidos não têm o preparo necessário para lidar com questões tão complexas que não envolve apenas o poder militar, mas também a questão de conflitos culturais e religiosos que devem ser resolvidos pelos próprios países envolvidos.

¹⁵ Governante Sírio ainda no poder, que promulgava repressão e cercos militares, até hoje governando o país com forte violência à oposição.

¹⁶ É um guia da ortodoxia muçumana.

¹⁷ Chuck Hagel é ex-Secretário de Defesa dos Estados Unidos, acredita que o poderio militar americano não é uma solução viável a longo prazo para a resolução de conflitos no Oriente Médio.

Por outro lado, o Estado Islâmico nem sempre foi considerado um grupo terrorista de preocupação global.

Em junho de 2014, quando a cidade iraquiana de Mosul¹⁸ foi tomada pelos jihadistas do EI, as potências ocidentais consideraram que o ataque era apenas um problema regional, decidindo não intervir.

Depois da primeira cidade tomada, o grupo continuou avançando pelo Iraque, propagando seu califado e assumindo o controle de importantes cidades Iraquianas, promovendo conflitos étnicos e religiosos com comunidades da região.

Foi a partir desse crescimento que o grupo começou a atrair a atenção global, inclusive com propagandas via internet que anunciavam o estabelecimento do califado e a busca por combatentes.

O ponto crucial que diferencia o EI de outros grupos terroristas, inclusive fundamentalistas religiosos, é o fato de ter como objetivo central a criação de um estado propriamente dito, inclusive com a aplicação de leis próprias e fiscalização.

Como possuem um líder, um território e uma bandeira, o Estado Islâmico se dá ao direito de praticar a justiça nas regiões conquistadas. De tal modo, as sentenças fatais que assistimos pela TV são realizadas após julgamentos, pois eles aplicam a pena capital aos que não se submetem ao califa. (BEZERRA,2015)

O EI tem como principal fonte de renda o controle de indústrias petrolíferas provenientes do Iraque, considerado o segundo maior produtor de petróleo no mundo atrás apenas da Arábia Saudita.

Uma das mais importantes indústrias de petróleo do Iraque estão em Mosul, cidade dominada pelo grupo desde 2014, que produz aproximadamente 2 milhões de barris de petróleo por dia.

Essa estratégia que foca em controlar as fontes energéticas em vez de destruí-las permite que o grupo obtenha financiamento para si mesmo, administrando os lucros de forma a construir e melhorar seu califado.

Apesar de ser a principal, o controle de fontes petrolíferas não é a única fonte de renda do EI.

O grupo consegue muito financiamento a partir de atividade criminal. Isso envolve o contrabando de produtos como celulares, cigarros, medicamentos e antiguidades provenientes de sítios arqueológicos Iraquianos e Sírios que são

¹⁸ Uma das cidades mais importantes do Iraque, sob domínio do Estado Islâmico.

destruídos para possibilitar o comércio de suas relíquias, além de sequestros e posteriores pagamentos de resgates às vítimas.

Há um estudo, feito pelo Centro de Análise do Conselho Europeu de Relações Exteriores apontando que é possível que exista um sistema de impostos nas áreas conquistadas pelo grupo, principalmente na Síria. Ainda, essa economia de guerra promovida pelo grupo ajuda na perpetuação da violência e manutenção de redes e atividades criminosas nesses territórios Sírios que carecem de um governo estatal atuante. Esses agentes criam incentivos para que outros atores que podem até não fazer parte do grupo não tenham interesse no fim do conflito, já que o contrabando, venda de armas, sequestros e impostos podem ser atividades lucrativas no mercado negro.

Ainda na questão comercial, o grupo comercializa os passaportes de seus próprios combatentes, que tem de deixar sua antiga identidade para trás para poder pertencer ao grupo, sob um novo nome. Esses novos milicianos são atraídos com promessas de riquezas e inclusive recebem salários por suas atuações dentro do sistema do próprio grupo.

Por se tratar de uma organização criminosa sem controle estatal, apesar da grande quantidade de dados disponíveis para análise, é mais difícil ter uma noção exata sobre suas fontes de renda e regiões de atuação. Acredita-se que por essas organizações estarem intimamente ligadas a governos de países do Oriente Médio, alguns países fazem acordos que propõe financiar a organização em troca de evitar a propagação da violência dentro de seus territórios.

Em muitos locais que o grupo lança ofensivas para dominar o território, grande parte da população local não oferece grande resistência a seu regime, temendo por consequências piores. Em cidades como Mosul a população restante sob o comando do daesh¹⁹, o regime islâmico foi instalado de acordo com a interpretação do grupo, sendo proibido o consumo ou venda de bebidas alcoólicas, e a proibição de músicas, exceto cantos islâmicos previamente permitidos e uma forte segregação de gênero.

Outro ponto importante a ser analisado é o fato de que suas atividades aliam tecnologia e violência, propagando ódio por todo o globo.

¹⁹ Daesh é a expressão literal não traduzida do Estado Islâmico.

Essa manobra é uma forma inteligente de atrair atenção tanto de pessoas que são totalmente contra a ideologia, quanto pessoas que apoiam o grupo e buscam uma forma de fazer parte dele.

Esses recursos empregados pelos terroristas se tornam uma arma muito eficiente para a conquista de seus objetivos, devido a facilidade de disseminação de informações.

Inclusive, foi justamente por conta do grande alarde da mídia em cima das ações, que o grupo ficou conhecido mundialmente.

É possível encontrar uma infinidade de vídeos na internet em que se observa terroristas assassinando jornalistas, civis, inimigos, etc. Esses vídeos são postados justamente com o intuito de que se espalhem internet afora, e que os grandes veículos de comunicação façam o resto do trabalho ao noticiar em programas de televisão, telejornais, revistas, rádio e jornais propriamente ditos.

Existem casos emblemáticos como o do jornalista James Foley, que foi decapitado pelo Estado Islâmico, e posteriormente o vídeo de sua execução foi postado online no ano de 2014, época em que o grupo estava em ascensão.

Como também, grandes atentados como em 2015 à revista francesa Charlie Hebdo, que tinha como um de seus protagonistas um jihadista pertencente ao EI.

É possível encontrar também alguns vídeos onde são mostradas crianças cometendo assassinatos, pessoas presas em jaulas onde posteriormente são incendiadas, pessoas afogadas em tanques d'água, todas com o intuito de obter a maior indignação possível e conseqüentemente, um maior alcance de visualizações.

Para eles, o objetivo central disso é causar impacto por meio de vídeos chocantes, espalhando o terror cibernético e gerando revolta.

Toda essa repercussão causa um grande sentimento de ódio nas pessoas, facilitando ainda mais essa propaganda, já que a chance de que as pessoas disseminem as informações umas com as outras é grande, incentivando até mesmo a busca na internet por matérias mais completas do que as repassadas pelos grandes veículos de comunicação.

Mesmo tendo se passado 15 anos desde o atentado de 11 de setembro, os EUA seguem possuindo missões antiterrorismo com uma política de intolerância a qualquer suspeita de um atentado, principalmente os mais complexos como o ocorrido em 2001.

Todavia, é difícil desmantelar células menores de operações como o Estado Islâmico possui, com menos centralização de operações e constante movimento pelo globo.

Segundo Nick Rasmussen²⁰, esse trabalho vem ficando mais difícil a medida que os meios de comunicação evoluem, inclusive possibilitando a comunicação codificada que aplicativos e redes sociais proporcionam a seus usuários atualmente.

Isso possibilita, ainda, que os terroristas estejam um passo a frente das agências de inteligência.

Assim, para combater essa forma de ação, o desafio se torna lutar contra a ideologia imposta pelo grupo sobretudo em redes sociais, focando em impedir a disseminação de propagandas simpatizantes do EI. Portanto o ideal seria investir mais nessas estratégias envolvendo o controle de mídias e propagação de informações via internet.

É possível observar uma mudança de cenário no quesito antiterrorista pela forma de operação dos grupos.

Antigamente, organizações como Al-Qaeda possuíam células em operação em todo o mundo e tinha como seu principal inimigo o Ocidente, considerado cheio de infiéis e uma ameaça a seus ideais. Além disso, uma das principais diferenças entre o Daesh e a Al-Qaeda está justamente no fato de a primeira querer dominar a zona geográfica do Oriente Médio, para a instauração do seu califado e não ter como prioridade o Ocidente. (ERELLE, 2015)

Já atualmente, os terroristas vêm usando o método de ramificação de operações, possibilitando uma maior segurança e menor chance de serem descobertos.

Algo a ser discutido também são as consequências que a dissolução do grupo traria para o mundo.

Ainda, essa desintegração acarretaria em uma ameaça silenciosa, já que seus ex-militantes poderiam ir para varias partes do mundo, e aguardar mesmo que durante anos, uma nova organização com as mesmas ideologias surgir.

Esse acontecimento liberará milhares de perigosos assassinos entre a população em geral, muitos dos quais se esconderão na Europa. Estamos diante

²⁰ Diretor do centro antiterrorista dos Estados Unidos.

deste fenômeno obscuro dentro do qual não podemos identificar esta gente.²¹
(FOLEY, 2017)

Foley ainda aponta que a Europa possui um déficit de eficiência muito grande ao lidar com ameaças desse tipo. Isso se deve ao fato de que o continente não possui um sistema de cooperação por parte das agências de inteligência europeia para lidarem com o terrorismo. Essa cooperação não é eficiente como deveria ser, sobretudo por haver muitos países e graus diferentes de prioridade para com o assunto entre eles.

3.3 TRAJETÓRIA DO ESTADO ISLÂMICO

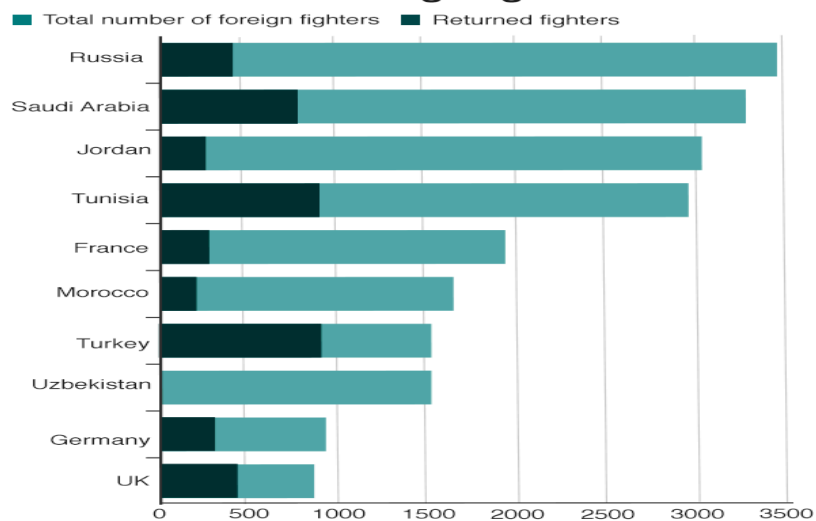
Ao longo de mais de 4 anos de existência, o Estado Islâmico passou por uma fase de ascensão, prospectando fanáticos para aderir a sua ideologia e compor seu quadro de combatentes, chegando a seu ápice em meados de 2015, com cerca de 10 milhões de pessoas vivendo em territórios sob seu domínio e vindo a declínio a partir do ano de 2016, chegando a uma perda significativa de poder e território nos dias atuais.

3.3.1 Ascensão e alcance

Como já apresentado anteriormente, o Estado Islâmico se utilizou de uma forma peculiar de expansão, proliferando suas ideologias através de redes sociais e demais veículos de comunicação. Essa propaganda digital foi essencial para atrair combatentes ávidos por reconhecimento de varias partes do mundo. Em sua maioria, jovens em processo de formação de caráter ansiosos em se agarrarem a uma ambição pela qual valha a pena dar a vida. O resultado disso é que a grande maioria não retorna à casa.

²¹ Dados de acordo com o FBI americano.

Figura 1- Nacionalidades dos militantes do EI

Nationalities of IS foreign fighters

Source: The Soufan Group (Oct 2017)

BBC

Fonte: BBC (2017)

É possível observar que mesmo países ocidentais que são totalmente opostos ao EI tem um grande número de combatentes que viajaram à Síria ou Iraque para aderir ao grupo, como Alemanha, Reino Unido e França.

Em questões territoriais, o Estado Islâmico se aproveitou de momentos frágeis geopolíticos para favorecer sua própria expansão.

O EI se estabeleceu no Iraque definitivamente após a tomada de uma de suas principais cidades, Mosul, em 2014.

Desde então, promoveu a destruição de sítios arqueológicos visando vender suas antiguidades, inclusive um importante museu da cidade, para financiamento próprio, converteu a população local ao islamismo e aplicou rigidamente a Charia.

Assim como no Iraque, o EI se apoderou de uma grande cidade, Raqqa, para posteriormente convertê-la em sua capital oficial do califado.

Ao se juntar a oposição ao governo de Al Assad, os jihadistas viram no conflito Sírio um refúgio seguro e facilidade de obtenção de armamento e força de combate.

Essa tomada de território significou uma mudança grande também para a população, que além de ter de se converter ao islamismo e ser obrigada a viver sob suas leis, inclusive de vestimentas, está sujeita constantemente à disputa de território, com conflitos e bombardeios constantes nessa importante cidade Síria.

Ademais, proibiu provedores de internet privados de operarem, possibilitando o acesso somente através de vias controladas, disponíveis em cybercafés²².

Seus arranjos operacionais não se limitam ao espaço físico de seus territórios no Oriente Médio. Sua presença é confirmada em países distantes como Indonésia, Filipinas e Malásia. E filiais ativas são encontradas principalmente no norte Africano Afeganistão e Paquistão.

Figura 2 - Presença do Estado Islâmico no mundo



Fonte: BBC (2017).

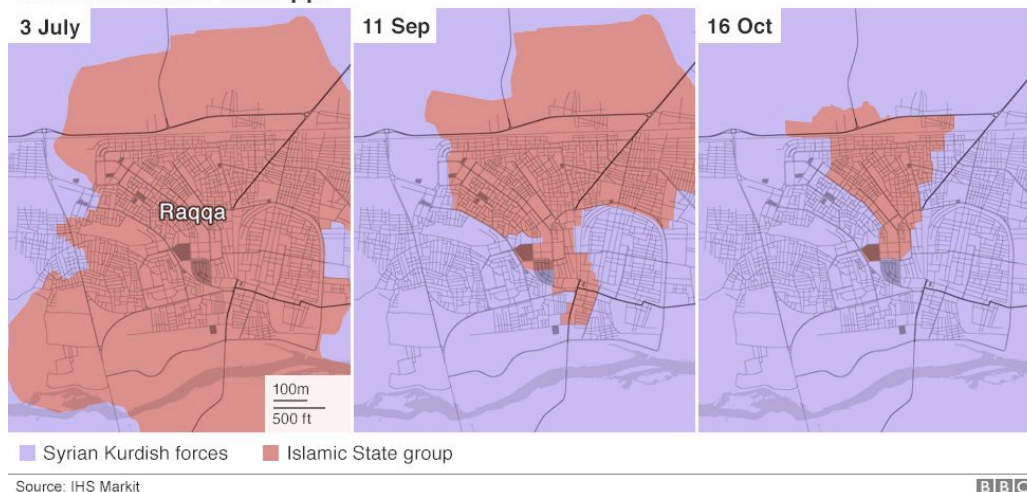
3.3.2 Queda

Depois de mais de 3 anos sob domínio do califado, a capita do Iraque, Mosul finalmente foi libertada do rígido governo do EI. Em julho de 2017, após nove meses de ofensivas lideradas pelos EUA, que agregou uma coalizão mundial envolvendo inclusive o governo legítimo Iraquiano.

A seguir é possível analisar a perda de território em Raqqa, a primeira grande cidade Síria capturada em meados de 2014. Essa manobra possibilitou a extensão do grupo posterior desde a fronteira com o Iraque até Aleppo, a noroeste do país.

²² Informações obtidas pelo Observatório Sírio de Direitos Humanos.

Figura 3 - Perda de território da cidade de Raqqa
IS loses control of Raqqa



Fonte: BBC (2017)

Sua queda está explicitamente representada, onde é possível perceber a perda da quase totalidade de território após as investidas da aliança das Forças Democráticas da Síria em conjunto com as coalizões internacionais de Julho a Outubro de 2017.

A derrota do EI na capital de seu autodenominado califado vem sendo vista como uma grande vitória na batalha que almeja extinguir o grupo.

Essa perda de território está sendo substancial para o declínio do grupo no Oriente Médio. Além das terras Sírias, importantes centros de operações no Iraque foram reconquistados por forças militares internacionais.

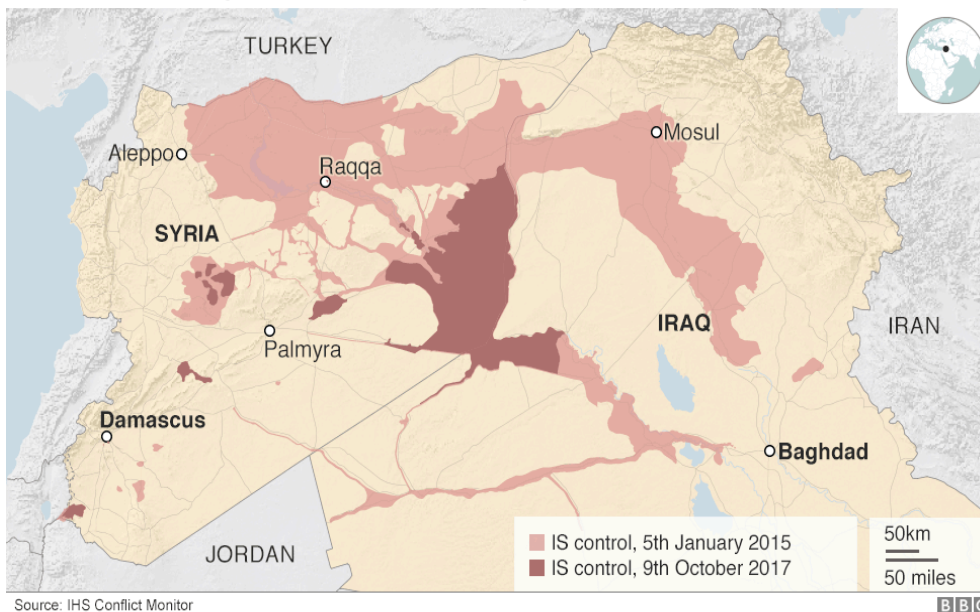
Houveram perdas significativas de grande parte do território conquistado pelo grupo que mantinha certa estabilidade entre 2014 e 2015, em seu ápice, até 2017, que segue declinando.

Apesar de ter perdido grande parte de seu território, incluindo cidades importantes como Raqqa e Mosul e fortalezas como Tal Afar e Hawija, o EI ainda não foi extinguido, já que ainda possui controle sobre áreas próximas a fronteira com a Síria como Deir al-Zour, e algumas províncias dentro dos dois países, incluindo regiões como vales próximos ao rio Eufrates.

Assim como na Síria, a ideia inicial em Mosul era expandir seus territórios a partir da conquista da cidade, se movendo ao sul em direção a Bagdá, se alastrando

por diversas aldeias menores, ameaçando varias minorias étnicas e religiosas da região.

Figura 4 - Território perdido desde Janeiro de 2015
How much territory IS has lost since January 2015



É notável a diminuição de grande parte do seu território, e seu enfraquecimento derivado da perda de suas cidades mais importantes, sendo reduzido a áreas de pouco ou nenhum valor tático e econômico.

No quesito exército, seu quadro de combatentes foi se modificando ao longo dos anos, desde a criação do califado à atualidade (2014-2017).

Segundo o Pentágono, o grupo apresentou um número de 30.000 a 50.000 combatentes em seu auge, passando por uma queda gradativa em 2016, onde os números caíram consideravelmente para 20.000.

Até março de 2017 o grupo possuía somente 15 mil, com esse número cada vez menor devido às recentes perdas de território explicados acima.

Além dos militantes, é importante ressaltar que não existe um número exato de vítimas já causadas direta ou indiretamente pelo grupo.

De acordo com a ONU, pelo menos 6 mil civis já foram mortos em atos de violência no Iraque apenas em 2016, e mais de 2,5 mil até setembro deste ano. Entretanto, esses números são apenas uma estimativa apresentada, devido a inviabilidade de se obter resultados precisos com os dados disponíveis.

O total de vítimas, segundo autoridades Iraquianas responsáveis, se aproxima de 70 mil, desde a ascensão do grupo em 2014.

A situação na Síria se complica ainda mais devido a guerra que assola o país desde 2010 aliado ao grau de dificuldade de se obter essas informações. Nesse caso, as informações disponíveis fornecidas pelo Observatório Sírio de Direitos Humanos, que estimam em torno de 475 mil vítimas, dessas 100 mil civis, já morreram em decorrência dos conflitos no país, seja causado pelo Estado islâmico ou pela guerra.

Apesar das coalizões serem apoiadas por diversos governos para a derrubada do califado, essas intervenções contribuem muito para a perpetuação de conflitos no Oriente Médio.

Ainda, essas intervenções militares não incluem uma solução a longo prazo para os conflitos antigos da região, como a disputa entre xiitas e sunitas, ou mesmo a implantação e manutenção da democracia em seu estado efetivo. Assim, há ainda grande instabilidade na região.

A guerra ao terror declarada pelos EUA aliada a invasão do Iraque em 2003, conjuntamente com a aplicação de políticas ocidentais pós-intervencionistas, foram grande contribuintes para essa perpetuação de violência e a posterior criação do Estado Islâmico. Todo esse cenário resultou num vácuo de poder, levando a um governo repressivo e intolerante, com milhares de soldados desocupados que poderiam vir a fazer parte do novo califado que era criado. (ANNAN, 2015)

Portanto, na ausência de uma solução política para esse conflito sectário, sem uma estratégia para a estabilidade e capacidade de governo de países árabes vizinhos, estaremos condenados a repetir os mesmos erros dos últimos onze anos. Esta última década deixou claro que em regiões onde a divisão sectária não obedece às fronteiras e não existem instituições que assegurem o funcionamento da sociedade e o respeito às diferenças religiosas, intervenções militares apenas incentivam a radicalização de extremistas, unindo rebeldes que antes lutavam entre si e fortalecendo o movimento contra as forças interventoras, perpetuando uma guerra sem fim no Oriente Médio. (HARRISON, 2014).

4 O BRASIL E O TERRORISMO

Apesar de não ser foco de terrorismo internacional, o Brasil não tem imunidade em questões que envolvem a dinâmica terrorista, sendo um país vulnerável em questões de segurança de legislação.

4.1 DEFINIÇÃO DE TERRORISMO NO BRASIL

Diante da dinâmica mundial e da nova agenda de segurança internacional, o Brasil vem mudando essa postura e adentrando em discussões sobre esse tema. Em 16 de março de 2016, foi aprovada no Senado a Lei que tipifica o terrorismo e todas as suas estâncias.

No Brasil a Lei nº 13.260 define o que é terrorismo:

“O terrorismo consiste na prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública”

Descrevendo ainda como atos de terrorismo usar ou ameaçar usar, transportar, guardar, portar ou trazer consigo explosivos, gases tóxicos, venenos, conteúdos biológicos, químicos, nucleares ou outros meios capazes de causar danos ou promover destruição em massa, sabotar o funcionamento ou apoderar-se, com violência, grave ameaça a pessoa ou servindo-se de mecanismos cibernéticos, do controle total ou parcial, ainda que de modo temporário, de meio de comunicação ou de transporte, de portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, hospitais, casas de saúde, escolas, estádios esportivos, instalações públicas ou locais onde funcionem serviços públicos essenciais, instalações de geração ou transmissão de energia, instalações militares, instalações de exploração, refino e processamento de petróleo e gás e instituições bancárias e sua rede de atendimento e por fim atentar contra a vida ou a integridade física de pessoa. A pena estipulada é a reclusão de doze a trinta anos, além das sanções correspondentes à ameaça ou violência. (Art. 2º §1º)

A lei apresentada acima entrou em vigor às vésperas dos jogos Olímpicos, levando em consideração que haveria um grande fluxo de pessoas vindo ao Brasil. Atentados reivindicados pelo Estado Islâmico na Europa contribuíram para a

preocupação brasileira em relação ao terrorismo e a sanção da nova lei pelo fato de colocar o país sob holofotes internacionais.

Ademais, houve bastante pressão por parte da comunidade internacional em decorrência da nova agenda antiterror causada pela existência do Estado Islâmico para que o Brasil enrijecesse sua legislação no que diz respeito ao terrorismo.

Contudo, houveram alguns pontos controversos sobre a sanção da nova lei, que teve uma tramitação apressada, que acabou por impedir que o tema fosse discutido a fundo e com participação social, algo necessário em um assunto tão complexo.

Entre os problemas estão essa falta de trato à sua integral complexidade; a dificuldade de se conceituar e combater juridicamente o ato terrorista; e dificuldade em conciliação de liberdades que podem conflitar com o direito fundamental de reunião e manifesto.

Essa frente de combate permite aos governos, no limite e conforme suas necessidades de governabilidade, caracterizar quaisquer manifestações de descontentamento social como atos terroristas e os movimentos sociais que os promovem como grupos terroristas. (REINARES, 1998, p.12)

Outra questão controversa é a falta de um conceito único e claro para a definição do termo, que causa a confusão de ações com teor violento de qualquer natureza com ações terroristas, como queima de ônibus, guerra entre gangues e manifestações violentas. Essa falta de clareza faz surgir divergências entre os parâmetros legais e a amplitude do conceito, já que um ato violento nem sempre é um ato de terrorismo.

Inclusive, no projeto inicial existia um trecho que tratava como terrorismo o ato de depredar e incendiar meios de transporte ou qualquer bem público ou privado. A polêmica se deu por conta do temor de que essa poderia ser um meio de impedir manifestações e movimentos sociais. A presidente Dilma na época vetou esse trecho da lei, sendo mantido posteriormente pelos parlamentares.

Com o surgimento do Estado Islâmico, o Brasil foi forçado a tomar providências maiores diante dessa nova ameaça. Como apresentado no tópico acima, a lei que diz respeito ao terrorismo foi tipificada somente em 2016, 2 anos após o surgimento do EI.

4.1.1 Questão Da Violência Interna

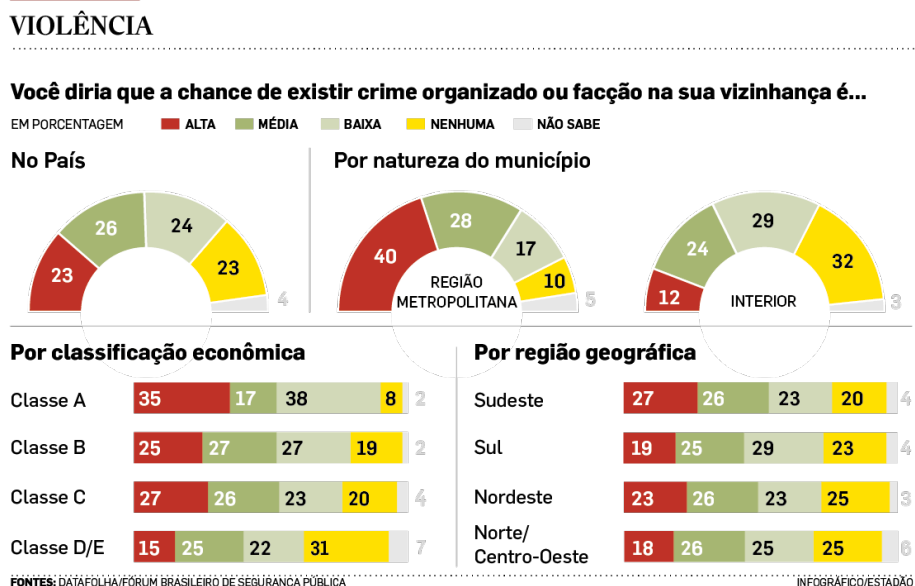
Em contrapartida com o que é considerado terrorismo pelo resto do mundo, essa questão não afeta os brasileiros da mesma forma quanto em outros países do globo. Já que aqui o problema engloba mais questões internas que geram violência.

Isso se deve ao fato de que aqui o crime organizado ocupa um espaço muito maior no que diz respeito a preocupação das pessoas com a segurança do que um possível atentado terrorista.

A própria população já espera que se houver algum atentado, a chance de ter sido causado por uma organização criminosas é alta.

Um exemplo claro disso, é a região Sudeste onde a insegurança se torna mais evidente, principalmente em regiões metropolitanas como São Paulo e Rio de Janeiro, com evidências que existam operações do PCC²³ na região. Entre a população mais rica, a crença de que o crime organizado está presente nesses locais chega a 35% entre os mais ricos.²⁴

Figura 5 - Pesquisa mostra qual a percepção da população sobre existência de crime organizado nas imediações onde residem.



Fonte: Estadão, 2017

²³ Primeiro Comando da Capital, uma das maiores organizações criminosas do Brasil, responsável por rebeliões, assaltos, roubos, etc.

²⁴ Pesquisa realizada em todas as regiões brasileiras, realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança, feita pelo Datafolha. Os resultados ainda apontam que em regiões metropolitanas a sensação de insegurança é ainda maior. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,metade-do-pais-diz-se-sentir-vizinha-do-crime-organizado-mostra-pesquisa,70001952804>.

A percepção está relacionada à sensação de insegurança e não a uma efetiva mensuração do que está ocorrendo em determinado lugar. E hoje a sensação de insegurança é grande no País. Então, é razoável imaginar que a ideia sobre ação de criminosos está inflada.
(NERY, 2017)

Ainda, Nery ressalta que essas são apenas estimativas baseadas em dados coletados e entrevistas feitas diretamente com a população e reforça que o único jeito de reverter esse quadro seria uma maior aproximação do poder público com a sociedade civil para a criação de políticas voltadas para esse fim. Já que, assim como ocorre a proliferação de atividades criminosas em locais onde há pouco ou nenhum controle estatal no Oriente Médio, o mesmo ocorre no Brasil em uma escala menor, voltada ao crime organizado.

Essas facções muitas vezes são detentoras do poder em regiões inteiras, onde historicamente não houve investimento e fiscalização. Nessa conjuntura, a própria população, inclusive de gangues e crime organizados foram construindo um sistema próprio envolvendo estruturas de saneamento básico como água e esgoto, coleta de lixo e a própria segurança. Estabelecendo assim a ordem por meio de suas próprias regras e leis, que raramente são estáveis, provocando uma sensação de instabilidade e perpetuação da violência.

Diante desse cenário de abandono de certas populações, o conflito se entrelaça com o governo, que promove um ciclo vicioso ao persistir em políticas falhas de encarceramento, redução da maioria penal e um policiamento que se torna particularmente violento, provocando uma matança tanto de criminosos quanto de policiais. Paradoxalmente, considerando a nova tipificação do terrorismo, o impasse brasileiro é sobre um sistema que continua a propagar a violência “legítima” sem resolver a questão.

4.1.2 O Fundamentalismo Islâmico, e sua presença na Tríplice Fronteira

O tema terrorismo na sua forma internacional aparece também em certas regiões do Brasil que possui pouco ou nenhum controle estatal.

Com já apresentado no primeiro capítulo do presente trabalho, o histórico do terrorismo se estende também em terras latino-americanas, na região da Tríplice Fronteira. Com a vinda de imigrantes de diversas partes do mundo, inclusive de Oriente Médio, ao decorrer do século XX.

A presença do fundamentalismo islâmico é notada na região pela preocupação dos EUA por consequência de fluxo migratório do Oriente Médio, que possa ter simpatizantes na região e de questões envolvendo atividades ilícitas e a partir dos anos 90, atentados terroristas. Preocupação essa que se tornou evidente após o atentado de 11 de setembro de 2001.

Há evidências, segundo o jornal Washington Post, trazendo afirmações de que terroristas financiam suas operações por meio de remessas de dólares da Ciudad Del Este para o Oriente Médio e a presença do Hezbollah na região já esteve envolvida com atividades criminosas como narcóticos, contrabando e terrorismo. Essa movimentação é possível graças a diversas casas de câmbio que fazem transações sem a devida fiscalização, somados ao descaso do governo Paraguai em relação a procedência de bens e serviços que circulam para dentro e fora do país atualmente.

Assim, a relação da Tríplice Fronteira com o Fundamentalismo Islâmico é, na visão, sobretudo dos Estados Unidos, considerada perigosa, já que 30% dos comerciantes dessa região são árabes, totalizando mais de 20 mil imigrantes muçulmanos.

No geral, essa combinação da região que possui vastas áreas com presença ausente de governo, miséria e atividades ilícitas é um convite aberto para os terroristas e aqueles que os apoiam. A atividade criminal desenfreada e o aumento de grupos despojados de direitos civis com potencial para colaborar com terroristas são um desafio intimidante. (ABBOTT, 2004).

4.1.2.1 Hezbollah

Apesar de não ter envolvimento e ser, na verdade, um inimigo declarado do Estado Islâmico, o grupo Hezbollah é um bom exemplo de que inexitem políticas eficazes que visam combater o terrorismo no Brasil, considerando as controversas acusações da presença do grupo na Tríplice Fronteira. A área de *safe haven* proporcionada pela região torna o local um refugio seguro para a proliferação de atividades desse porte.

O Hezbollah parece ter firmado o pé fortemente na área. Os laços reportados entre a Al Qaeda e o Hezbollah são ainda especulativos; entretanto, a colaboração dos dois grupos no nível tático tem verdadeiramente crescido desde que a Al Qaeda foi expulsa do seu *safe haven* no Afeganistão. Evidências concretas da presença de terrorismo

islâmico na TF; para propósitos de um safe haven operacional, não estão disponíveis. Entretanto, a indicação de um safe haven como rede de apoio na área é inegável. (KITNER, 2007, p.322)

Curiosamente, o Brasil considera o Hezbollah um partido político e movimento de resistência Libanês, e não o vê como grupo terrorista, como prega a visão Inglesa e Norte Americana. De modo que, em 2007 diante das acusações americanas, o Brasil conjuntamente com o governo Argentino e Paraguai, alegou desconhecer a existência de possíveis atividades criminosas ligadas ao terrorismo pela Hezbollah na Tríplice Fronteira, entrando em um impasse com os EUA.

4.2 A POLÍTICA DE SEGURANÇA BRASILEIRA

Bem antes de atentados terroristas modificarem o modo como são tratados os Estudos de Segurança Internacional, as preocupações estratégicas depois da Guerra Fria passaram para o âmbito regional, trazendo uma percepção aguda, buscando cada vez mais alcançar maior espaço e influência mundial. É perceptível que o Brasil também foi afetado por essas novas preocupações, adotando diversas políticas voltadas para a segurança, sobretudo da região da América Latina, mantendo relações bilaterais com a Argentina envolvendo Exércitos e poderio militar. E em âmbito mundial, sendo parte de tratados como o de Não Proliferação Nuclear (TNP,1968) e outras questões envolvendo a erradicação de arsenal bélico e armamentos químicos e biológicos.

O novo conceito de segurança vai além de questões envolvendo políticas nacionais. Vários outros valores hegemônicos foram incorporados na configuração do sistema internacional, nessa transição do mundo bipolar para o unipolar, com algumas características do multipolarismo, como o liberalismo econômico, os direitos humanos, questões ambientais e sociais agora tem tanto peso no cenário global quanto os valores militar-estratégicos, que vem apresentando novas formas.

Amorim (1998) defendia que a segurança coletiva ou internacional é uma responsabilidade geral, sendo o equilíbrio alcançado pela multipolaridade. Explicando ainda que a posição do Brasil nesse meio, é a afirmação de posição de acordo com interesses universalistas, ou seja, a favor do que é melhor para todos, sobretudo porque o tema é algo extremamente inclusivo, e exige atenção.

O Brasil, defende a ideia da necessidade desse multipolarismo ao se fazer presente em decisões do Conselho de Segurança da ONU e Assembleia Geral, fortalece a nova interpretação do direito internacional e sua jurisprudência.

O lugar que um Estado nacional pode ocupar na ordem econômica e política internacional está relacionado com sua capacidade de vencer ou contornar os constrangimentos externos existentes e de aproveitar as oportunidades que o quadro mundial lhe oferece.(GARCIA, 2010, p.3)

A posição cooperativa é justificada pelo fortalecimento de poder, ou seja, de estar ao lado de países com maior capacidade de convencimento e decisão. Isso leva ao reconhecimento do terreno, sendo possível a identificação de interesses e a diferenciação de valores por meio da diplomacia, enaltecendo o Brasil em seu próprio desenvolvimento, garantindo sua relação de segurança com o âmbito internacional.

Essa estratégia demanda uma forte capacidade nacional de decisão no que diz respeito à inserção no sistema, podendo adotar ou não os valores majoritários, visando resultados proeminentes. De qualquer forma, é certo que pode-se melhorar as condições do Brasil reduzindo sua autonomia, com muita vontade política e uma cuidadosa afirmação de princípios diante de decisões concretas e análises específicas, não apenas por mera casualidade diplomática.

No âmbito interno, é necessária uma formulação de um projeto nacional de desenvolvimento, para assegurar a soberania nacional e condições econômicas, sociais e políticas plenas para a constituição de um Estado nacional. Sem esse projeto, o Brasil fica a mercê de grandes potências, sem participação significativa internacional.

É de conhecimento geral que o Brasil passa por dificuldades internas, e mesmo passando por diversas fases de crescimento e recessão econômica²⁵ as reformas sociais e estruturais foram quase inexistentes.

Sobretudo no regime militar, houve uma ausência de políticas sociais acompanhadas de uma reafirmação da fragilidade da democracia brasileira.

Durante as várias fases do nacional-desenvolvimentismo, o Brasil assegurou presença no mundo, apoiada em consistentes definições de política externa. Essa presença só não foi mais significativa, tendo em vista o peso negativo de fatores sociais e políticos internos (miséria e autoritarismo) e uma certa irrelevância da posição geopolítica do País.

²⁵ Houveram três períodos sucessivos de industrialização substitutiva de importações, na era Vargas, de Kubitschek e no período militar, resultando em um crescimento acelerado e tornando o Brasil uma importante economia mundial. Levadas posteriormente à recessão devido ao prazo de validade das políticas adotadas, e reforma somente no âmbito econômico.

(GARCIA, 1998, p.8)

Considerando essas dificuldades e a nova configuração de segurança mundial já mencionada, o lugar do Brasil dentro do tema não pode reduzir-se a um debate militar, abrangendo a dimensão econômica, política e diplomática.

Fernando Henrique Cardoso já previa no final do século XX um “novo Renascimento”, ou seja, essa nova conjuntura mundial poderia ser benéfica para o Brasil, desde que as mudanças necessárias fossem realizadas.

Envolta dessas questões, é necessário associar os temas de segurança aos impasses econômicos, sobretudo os que possuem caráter estrutural.

O desfecho almejado é justamente que a reconstituição da economia brasileira tem poder essencial para enfrentar os temas de segurança interna e internacional, buscando seu alicerce na valorização de fatores internos. Esse objetivo requer uma grande visão estratégica de um projeto produtivo com esforço educacional, científico e tecnológico incluindo também uma maior importância regional na ampliação do Mercosul.

Essa regionalização transformaria a América Latina em um apêndice da economia norte-americana, dentro de suas estruturas políticas e estratégicas. Ademais, garantiria uma presença mais forte no contexto mundial como um todo.

E o Brasil, como líder do bloco regional, possui um peso geopolítico e econômico forte permitiriam uma aproximação distinta do âmbito mundial, acentuando sua presença e capacidade de resolver os temas presentes na agenda mundial.

Todavia, é importante ressaltar que essa postura não se trata de contribuir ativamente para a segurança mundial em sua totalidade e sim pagar dívida social agravada nos últimos anos, para construir e ampliar os espaços de liberdade conquistados nos recentes processos de transição política da América Latina.

Analisando a política externa brasileira, nesse âmbito regional a diplomacia se funde aos interesses estratégicos. Isso é explicado pelo fato de que o país tem reduzida capacidade militar em relação a amplitude de seus interesses internacionais, assim é preferível se resguardar ao invés de influir no cenário mundial por meio da força, possuindo uma diplomacia sensível. A questão aqui é que o Brasil é um país muito grande, com grande influência e peso na região da América Latina por conta de seus fatores geográficos, desconsiderando os aspectos qualitativos dessas dimensões. Esse *status* concede ao Brasil o título de maior

potência regional, mas não limita o Brasil à hegemonia do continente.

A limitação à autonomia estratégica do Brasil é consequência da hegemonia exercida pelos EUA, a América Latina, que praticamente lhe subtrai a vantagem de poder em relação aos países sul-americanos e lhe restringe o uso da força à defesa da integridade territorial e da soberania nacional, quando ameaçados. É uma imposição que resulta da integração de todo o espaço mundial nos esquemas de poder administrados pelas superpotências. [...] Assim, o uso autônomo da força por uma potência regional se anula devido à sua incapacidade para subverter com êxito a relação de uma hegemonia importa. (CAVAGNARI, 1984)

Após analisar as questões que englobam o desenvolvimento econômico como saída para uma melhor atuação nas questões da agenda internacional, deve-se considerar que a segurança em si esta em uma escala baixa nas prioridades nacionais, levando em conta que o Brasil é um país pacífico e não alimenta impasses com outros países ou blocos.

Os gastos *per capita* com questões militares são baixos, porém estão dentro do padrão para o que o Brasil aspira, já que não tem interesses expansionistas.

4.2.1 O Brasil e a ONU

Segundo a ONU, a diplomacia preventiva serve para resolver disputas antes que elas se tornem guerras, enquanto a manutenção da paz significa suspender os conflitos e buscar uma solução pacífica a longo prazo.

Essas políticas internacionais são os maiores objetivos da ONU apoiadas pelos estados membros e a comunidade internacional como um todo.

Assim, a prioridade atual passa a ser a de reforçar essa cooperação, de forma a dar uma capacidade de atuação maior a ONU e uma maior resposta a resolução de conflitos.

Isso porque, atualmente a ONU não tem capacidade institucional para aplicar as medidas coercitivas com um grau maior de independência dos estados, estando subjugada a eles nessas questões, já que seu sistema é prisioneiro da estrutura de poder baseada no Conselho de Segurança e seu poder de veto.

O caminho a ser tomado para a resolução desse impasse é a construção de mecanismos de confiança mútua entre Estados e povos, incorporando as novas dimensões da segurança internacional.

O papel no Brasil nisso tudo, almejando um assento permanente no Conselho de Segurança, sempre foi pautada pela preocupação em fortalecer essa capacidade

de ação do Conselho na prevenção e solução de conflitos.

Incluindo para tanto, a defesa consistente da diplomacia preventiva em oposição à coerção geralmente preferida para lidar com os diversos conflitos que o mundo enfrenta.

Desde seu mandato no Conselho de Segurança, em 2010-2011, o Brasil adota uma postura solidária, sobretudo com questões envolvendo o Oriente Médio e na época, questões ligadas a “ Primavera Árabe”²⁶, defendendo manifestações pacíficas e condenando firmemente a violência contra civis e as violações de direitos humanos.

Nessa e outras questões que envolviam a votação para tornar válido o uso de força e coerção, o Brasil se absteve, considerando que a força na extensão prevista era além do necessário para o estabelecimento de uma zona de exclusão aérea e essa decisão não cessaria a violência apenas traria mais sofrimento para os mesmos civis que tentava proteger.

Dilma Rousseff em seu discurso no Debate Geral da 66ª Sessão da Assembleia Geral, em 2011, referiu-se à “responsabilidade ao proteger”, lançando o questionamento sobre os princípios que deveriam ser observados para evitar o uso indevido da força e, nos casos excepcionais em que ela for autorizada, haja permanente monitoramento da implementação do mandato conferido pelo Conselho de Segurança bem como a adoção de parâmetros para reforçar a responsabilização daqueles que usam a força. (VIOTTI;DUNLOP;FERNANDES, 2014, p.24)

4.3 A ABIN E O EI

Diante da proliferação do grupo mundo a fora, cabe ao Brasil possuir um sistema de segurança tanto nacional quanto internacional eficiente no combate ao terrorismo e estratégias que visem uma maior fiscalização fronteiriça e regional.

²⁶ Primavera Árabe foi uma onda revolucionária composta de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio a partir de dezembro de 2010.

4.3.1 Competências da ABIN

ABIN é a Agência Brasileira de Inteligência, um órgão da Presidência da República, responsável pela segurança do país, ficando encarregada de fornecer ao presidente e seus ministros informações e estratégias cabíveis em cada situação.

Para cumprir essa missão institucional, os profissionais de inteligência produzem conhecimentos estratégicos por meio da análise de fatos, eventos ou situações que permitam a identificação de oportunidades e ameaças relacionadas à proteção das fronteiras nacionais, à segurança de infraestruturas críticas, à contraespionagem, ao terrorismo, à proliferação de armas de destruição de massa, a políticas estabelecidas com outros países ou regiões, à segurança das informações e das comunicações, à defesa do meio ambiente, à proteção de conhecimentos sensíveis produzidos por entes públicos ou privados, entre outros assuntos.
(ABIN,2016)

Ainda, possui vários desígnios no que diz respeito ao terrorismo e a melhor forma de lidar com ele.

Em resposta a essa ameaça atual, a ABIN desenvolve estratégias para prevenir atentados e o financiamento de organizações terroristas dentro do território nacional, e parceria com outros órgãos governamentais brasileiros, comissões e grupos do Governo Federal destinados a esse objetivo e internacional, que envolve a troca de informações com serviços de inteligência estrangeiros e cooperação internacional.

A ABIN representa também o governo brasileiro em organismos internacionais focados na cooperação para o combate ao terrorismo como o Comitê Interamericano contra o Terrorismo, da Organização dos Estados Americanos (CICTE/OEA) e o Foro Especializado em Terrorismo da reunião de Ministros do Interior do Mercosul e Estados Associados, na América Latina. (ABIN, 2016)

Em seu próprio site, a ABIN deixa claro que apesar de não ser um alvo específico da ação de grupos terroristas, o Brasil está sujeito a efeitos indiretos sociais, políticos, econômicos de atentados ocorridos em outros países.

Sendo assim, não estamos livres da ocorrência de atentados e seus efeitos, sendo de dever da ABIN apresentar uma análise de indicadores de comportamento

e de conduta suspeita as quais seja possível identificar e antecipar ações de indivíduos ou grupos que tenham como propósito propagar o terror. Essa estratégia possibilita estar um passo a frente dos terroristas que contam com o elemento surpresa a seu favor.

Dentro dessa estratégia existem padrões que combinados, revelam sinais de possíveis planos terroristas em andamento (AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA, 2016):

- Falsificação de documentos como passaporte, CPF, Carteira de Identidade, Carteira de habilitação, entre outros
- Aquisição e manuseio de armas, munições, acessórios e equipamentos de uso restrito e sem a devida autorização
- Aquisição e manuseio não autorizado de produtos biológicos, químicos, nucleares, radiológicos de uso controlado
- Aquisição em larga escala de produtos de venda liberados, mas que podem ser utilizados para fabricação de explosivos, tais como acetona, água oxigenada, ácido sulfúrico, nitrato de amônia, entre outros
- Posse não autorizada de dados como imagens, vídeos, plantas, croquis, mapas, posicionamento de câmeras e vigilantes de alguma instalação pública ou privada de grande circulação
- Vínculo com organizações terroristas ou extremistas
- Envio de dinheiro a organizações terroristas ou extremistas
- Transferências de grandes somas de dinheiro para países onde há maior atuação de terroristas ou onde há zonas de conflito
- Tentativas de acesso não autorizado a áreas restritas de instalações públicas ou privadas de grande circulação
- Discursos extremados, inclusive em redes sociais, de ódio e incitação à violência
- Divulgação de ameaças, inclusive em redes sociais, de atentados terroristas

E o Brasil, sendo sede de importantes eventos mundiais da atualidade, acaba atraindo atenção internacional, sobretudo de terroristas. Portanto, cabia a ABIN a responsabilidade de aumentar a fiscalização diante desses grandes eventos, como a Copa do Mundo de 2014, e os Jogos Olímpicos, sediados em 2016.

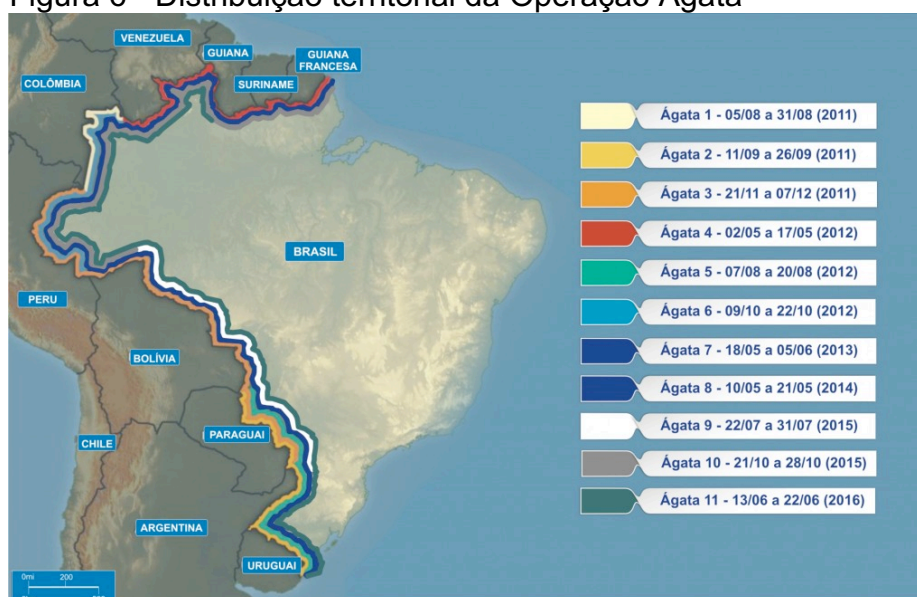
4.3.2 A segurança nas fronteiras

A ABIN ainda desenvolve trabalho de proteção com foco nas fronteiras brasileiras, que compreendem uma área de 15.719km. Esses limites territoriais representam uma importante diretriz de desenvolvimento socioeconômico e possuem caráter estratégico.

Pela ABIN é feito o controle migratório e social e o acompanhamento de atividades criminosas que incluem: narcotráfico, contrabando, ilícitos ambientais, tráfico de pessoas e atividade terrorista.

Uma das principais ações nos perímetros fronteiriços é chamada de Operação Ágata, realizada periodicamente desde 2011, abrange a atuação de órgãos militares e civis, subordinados ao Governo Federal e governos estaduais. A finalidade é o controle de atividades ilegais na região fronteiriça, reforçando a presença estatal ao longo dessa área. (ABIN,2016)

Figura 6 - Distribuição territorial da Operação Ágata



Fonte: ABIN 2016.

Apesar de apresentar essas operações, existem duas áreas fronteiriças que exigem maior atenção da ABIN.

A Fronteira Norte, ainda é de preocupação para a defesa nacional pela presença dos grandes espaços amazônicos que dificultam a implantação de sistemas efetivos de segurança mais controlada devido ao deslocamento reduzido e

a região da Tríplice Fronteira, que é um local que concentra grande acúmulo de atividade criminosa devido à ausência de políticas estatais efetivas.

4.3.3 Atuação perante ao Estado Islâmico

A ABIN vem acompanhando o desenrolar das ações do grupo desde 2014.

Apesar de sempre manter certa distancia e não colaborar com ofensivas o órgão de Inteligência brasileira está sempre atento a possíveis ameaças ao país e a toda região da América Latina.

Relatórios são emitidos periodicamente de acordo com a análise de riscos de ataques, principalmente em períodos de fluxo alto como a Copa do Mundo em 2014, e os Jogos Olímpicos em 2016.

Ainda, na época dos jogos, constava em um dos relatórios:

A disseminação de ideário radical salafista entre brasileiros aliada às limitações operacionais e legais em monitorar suspeitos e à dificuldade de neutralizar atos preparatórios de terrorismo apontam para o aumento, sem precedentes no Brasil, da probabilidade de ocorrência de atentados ao longo de 2016, especialmente por ocasião dos Jogos Rio 2016.

Ainda, segundo a ABIN, grupos com capacidade operacional internacional elevada estão mais restritos em conflitos regionais, no caso do Estado Islâmico, assim, atentados de grande sofisticação e complexidade logística como o ocorrido no 11 de setembro não representam uma ameaça tão evidente, já que necessitam desviar muitos recursos da premissa original, que no caso é a manutenção do califado. Entretanto ressalta que essa afirmação é referente a suas bases solidas de operação, e que tanto o Brasil como outros países estão sujeitos à esses grupos terem e/ou incentivarem simpatizantes que promovam atos violentos por conta própria. Se utilizando de forma autônoma na preparação e execução dos atentados, ocorrendo muitas vezes sem o contato direto com a cúpula do grupo extremista.

4.4 OS POSICIONAMENTOS DO GOVERNO

Apesar da existência de um órgão específico que trata da Inteligência e controle de fronteiras, existe uma grande preocupação por parte dos EUA e demais países desenvolvidos em relação a região da tríplice fronteira.

Em um relatório publicado em 2014, os EUA pontuam que o governo promoveu poucas melhorias para o combate ao terrorismo na região; ressaltando

ainda a existência de corrupção, instituições fracas, cooperação insuficiente entre agências, falta de legislação e recursos contribuem para essa ineficiência.

Por se tratar de uma área com fácil acesso a atividades ilegais e obtenção de armas e falsificação de documentos, é imprescindível que o Brasil tome nota de uma posição mais rígida em relação a fronteira, adotando uma postura preventiva mesmo que não haja dados concretos sobre células operacionais de grupos terroristas como Al Qaeda, Estado Islâmico e Hezbollah ativos, é possível que haja simpatizantes, apoio ideológico e financiamentos vindos da Tríplice Fronteira.

O Departamento de Estado ressalta ainda a necessidade de melhorar a interação e a cooperação entre as agências de segurança no Brasil, particularmente no que se refere ao compartilhamento de informações. O documento destaca ainda que as agências brasileiras relacionadas a ações contraterrorismo contam com treinamento americano voltado para aumentar as habilidades investigativas e ajudar o governo brasileiro na prevenção de ataques terroristas.²⁷

Uma das maiores preocupações governamentais no esforço da contenção de ameaças associadas ao terrorismo está no acompanhamento de indivíduos alinhados ideologicamente ao EI e a agenda antiocidental, que ao ter uma atuação descentralizada e autônoma, tendem a operar fora do alcance de órgãos de inteligência e segurança. Essa preocupação é ainda mais acentuada no atual cenário de movimentos migratórios globais, permitindo a livre circulação de possíveis terroristas entre refugiados provenientes de zonas de conflito.

Diplomatas e autoridades iraquianas julgam o posicionamento adotado pelo Brasil diante dos acontecimentos. A posição omissa na luta contra o Estado Islâmico incomoda justamente por não apresentar interesse em questões humanitárias, de armamento ou treinamento. Ainda, segundo um diplomata que pediu por anonimato, o Brasil confunde ao apresentar essa posição, pois é um país com ambições globais e deveria se portar com mais interesse diante de um tema tão complexo e importante quanto o terrorismo do Século XXI.

Entretanto, de acordo com o Itamaraty, autoridades Iraquianas não pediram cooperação ao Brasil no combate direto ao terrorismo, nem manifestaram insatisfação com a posição adotada.

²⁷ Dados de acordo com relatório enviado pelos EUA tratando sobre a região da Tríplice Fronteira, em 2014.

Ainda, O Itamaraty reforça que a cooperação brasileira diante dos efeitos causados pelo terrorismo se focam em outros aspectos como a realocação de refugiados, deixando em segundo plano as necessidades militares.

De qualquer forma, o tipo de ajuda que outras autoridades vêm exigindo do Brasil, vai contra a posição que sempre foi adotada pelo país, se utilizando da diplomacia preventiva e evitando a todo custo intervenções militares, já que a atuação brasileira nessas questões, inclusive quando ocupou cargo de presidência no CSNU em 2010, sempre foi marcada pelo posicionamento político em favor de paz na região do Oriente Médio, baseando-se nos princípios de direito internacional e multilateralismo.

Diante de pressões vindas de varias partes do mundo para uma melhoria na segurança brasileira, em 2016 as vésperas dos jogos Olímpicos, foi realizada a Operação Hashtag, baseando-se na lei de Terrorismo sancionada no mesmo ano para condenar oito réus presos preventivamente acusados de promoverem o recrutamento de pessoas para o Estado Islâmico, além de disseminação das ideias de um califado islâmico regido pela Charia, propagação do ódio e apoio a ações de destruição em massa de indivíduos e propriedades. A operação causou muita polêmica, por ser a primeira com base na leia antiterrorismo brasileira, se baseou em redes sociais e conversas de aplicativos como base de acusações. Não houve nenhum ato concreto como compra de armas e explosivos que premeditassem a intenção de um real atentado terrorista, dessa forma estando sujeita a diversas críticas e repercussão negativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar as diversas conceituações de terrorismo, que desde os primórdios se utiliza do terror para alcançar seus objetivos, passamos a comparar sua evolução dentro do contexto histórico imerso na definição do termo como uma ameaça à vida humana, que passou por diversas transformações ao longo da história, estando antigamente restrito ao âmbito estatal. Isso mudou em meados dos anos 80, em plena ascensão da globalização, mudando assim o cenário atual do tema, já que não estava mais limitado aos limites do Estado, tornando-se muito mais complexo e entremeado com a agenda internacional.

Diante dessa análise, foi possível entender melhor a problemática proposta pela monografia ao analisarmos de forma ampla porque o terrorismo atual representa tanta ameaça para o Estado, que agora tem o dever de lidar com um inimigo sem face e sem território definido.

A partir dessas informações, discorreremos sobre o quanto o atentado de 11 de setembro contribuiu para essa nova configuração da segurança, se utilizando de ideologias fundamentalistas baseadas no islamismo, unindo política e religião em um só ideal. Assim, foram levantadas as questões que nortearam a pesquisa proposta referente à essa nova configuração que o terrorismo do século XXI trouxe para a agenda de segurança internacional e como as atitudes dos Estados Unidos perante o atentado desencadearam resultados impactantes para todo o mundo, sobretudo para o Oriente Médio, onde aconteceram as ofensivas que acabaram por perpetuar a violência na região.

No final do primeiro capítulo foram apresentadas as consequências que essa guerra preventiva trouxe, culminando posteriormente na criação de um novo grupo terrorista com uma metodologia nunca antes vista, encaminhando a pesquisa para o próximo assunto discutido, o Estado Islâmico, composto por um Estado autoproclamado que visa a expansão de seus territórios e tem o objetivo de se tornar um estado propriamente dito. A partir disso, analisamos os mecanismos de funcionamento do grupo que permitiu essa disseminação, como a propagação via internet de anúncios e vídeos polêmicos, que acaba por atraindo cada vez mais atenção para o grupo. Paralelamente, foram apresentados seus locais de atuação, sendo possível a presença no mundo inteiro justamente por contar com células independentes em diversas partes do mundo, porém tendo em sua base no Iraque e

na Síria o objetivo primordial de expansão e manutenção do califado nas áreas conquistadas.

Em toda a trajetória acompanhada de 2014 a 2017, o grupo passou por vários momentos favoráveis e desfavoráveis, chegando a seu ápice em 2015 onde o número de combatentes era crescente assim como suas fontes de financiamento provenientes de atividade criminosa e controle de regiões petrolíferas, até sua recente queda em outubro de 2017, perdendo grande parte do território sob seu comando incluindo sua autoproclamada capital, libertando a cidade iraquiana de Mosul e a cidade síria de Raqqa.

A partir da análise das informações sobre o Estado Islâmico, foi apresentada a perspectiva brasileira diante do conflito, bem como sua posição adotada perante a agenda internacional.

Desde 2014, o mundo se sensibiliza com as atrocidades cometidas pelo Estado Islâmico, levando o assunto como pauta de prioridade do Conselho de Segurança da ONU, com os países enrijecendo suas leis e fiscalização antiterrorismo visando combater qualquer possível atentado com políticas que permitem premeditá-los.

Diante desse cenário, o Brasil se viu obrigado a adotar políticas mais firmes em relação ao tema, sob grande pressão de países como Estados Unidos e Iraque, principalmente porque o país seria sede de grandes eventos mundiais como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos.

E, apesar de o país possuir um órgão de inteligência destinado a estratégia e segurança, não possuía legislação adequada para lidar com esse tipo de ameaça. Assim, em 2016 foi criada às pressas uma lei brasileira destinada a criminalização do terrorismo, que antes não possuía uma lei exclusiva para tal.

Entretanto, para combater o terrorismo proveniente de operações internacionais, ficou claro que a primeira medida seria o Brasil estar mais preparado internamente, colocando seu desenvolvimento como prioridade. Já que, em âmbito nacional o país possui muitas lacunas em questão de segurança da própria população, o que acaba influenciando a proliferação de atividades ilegais, sobretudo em áreas fronteiriças e a sensação de insegurança geral.

No mais, concluímos que o Brasil nunca esteve devidamente preparado para lidar com esse tipo de ameaça e nunca colocou o tema como prioridade, mesmo considerando que esteve em um patamar de risco apenas duas vezes desde a

criação do Estado Islâmico. Assim, as razões apresentadas dessa postura brasileira não é apenas o déficit de desenvolvimento interno, mas também a postura sempre omissa diante da ameaça e solicitações de participação em coalizões, preferindo se manter neutro ao adotar a diplomacia preventiva e dar mais importância para a relocação de refugiados do que para o combate propriamente dito do Estado Islâmico em sua região sede, sendo contra o uso de mais violência e a favor da paz no Oriente Médio.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA. **Segurança das Fronteiras**. Brasília, DF, [2016?]. Disponível em: <<http://www.abin.gov.br/atuacao/areas-prioritarias/seguranca-das-fronteiras/>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

AGUIRRE, Mariano. De onde vem o dinheiro que financia o Estado Islâmico? **bbc.com**, 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140825_financiamento_estado_islamico_lgb>. Acesso em: 23 out. 2017

ALMANAQUE DOS CONFLITOS. **Mão negra, o grupo terrorista da unidade sérvia que assassinou Francisco Ferdinando**. Disponível em: <https://almanaquedosconflitos.wordpress.com/2015/08/11/mao-negra-o-grupo-terrorista-da-unidade-servia-que-assassinou-francisco-ferdinando/> Acesso em 2 out. 2017

ALTARES, GUILLERMO. **A confusão que iniciou a Primeira Guerra Mundial**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/26/internacional/1403783382_798269.html> Acesso em 20 set. 2017

AYERBE, Luis Fernando. **De Clinton à Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina**. Unesp, 2009.

AZEVEDO, Reinaldo. **Estado Islâmico: Risco de ataque terrorista no Brasil nunca foi tão grande**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/estado-islamico-risco-de-ataque-terrorista-no-brasil-nunca-foi-tao-grande-alerta-abin/>> Acesso em 9 nov 2017

BBC. **Como o Estado Islâmico se tornou mais perigoso que a Al-Qaeda**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140812_iraque_estado_islamico_dg> Acesso em 13 out 2017

BBC. **Islamic State and the crisis in Iraq and Syria in maps**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27838034>> Acesso em 24 out 2017

BBC-MUNDO, **Sete perguntas para entender o “Estado Islâmico” e como ele surgiu**. <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_estado_islamico_entenda_rb> Acesso em 15 out 2017

BENEDINI, Giuseppe F. **A Rússia Czarista e as origens da Revolução: um ensaio**. 10 f. Artigo – Cadernos do Tempo Presente – ISSN: 2179-2143

BERCITO, Diogo. **Estado Islâmico nasceu em 1999 e cresceu com guerras no Iraque e na Síria**.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706936-estado-islamico-nasceu-em-1999-e-cresceu-com-guerras-no-iraque-e-siria.shtml>>
Acesso em 25 out 2017

BEZERRA, Juliana. **Estado Islâmico.**

Disponível em :<<https://www.todamateria.com.br/estado-islamico/>>
Acesso em 20 out 2017

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de Política – Vol. 1.** Brasília, UNB, 1998.

BONOME, José Roberto. **Fundamentalismo Religioso e Terrorismo Político.** UCG, 2009.

BRAGA, Isabel. **Terrorismo: 'Brasil está no patamar de probabilidade mínima de ser alvo'.**

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/terrorismo-brasil-esta-no-patamar-de-probabilidade-minima-de-ser-alvo-19746255>
Acesso em 11 out 2017

BRIGAGÃO, Clóvis. **Prevenir, Manter e Construir a Paz: Novos desafios à Segurança Internacional.** 8 f. Dissertação – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Sao Paulo.

BUZAN, B; HANSEN, L. **A Evolução dos estudos de segurança internacional.** Unesp, 2007.

CALGARO, Fernanda. **Senado Conclui votação de projeto que define terrorismo.** Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/10/senado-aprova-texto-principal-de-projeto-que-define-terrorismo.html> >
Acesso em 29 set 2017

CARTA CAPITAL. **Intervenção militar no Estado Islâmico perpetuaria tensões no Oriente Médio.**

Disponível em <<http://politike.cartacapital.com.br/intervencao-militar-no-estado-islamico-perpetuaria-tensoes-no-orientes-medio/>>
Acesso em 28 out 2017

CARVALHO, Marco Antonio. **Metade do país diz se sentir vizinha do crime organizado, mostra pesquisa.**

Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,metade-do-pais-diz-se-sentir-vizinha-do-crime-organizado-mostra-pesquisa,70001952804>>
Acesso em 5 nov 2017

CORREIA, Pedro P. **Manual de Geopolítica e Geoestratégia – Volume II, Análise Geoestratégica do Mundo Em Conflito.** Almedina, 2010

EL PAÍS. A intervenção de Raqqa.

Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/17/opinion/1508255494_806652.html>
Acesso em 28 out 2017

ERELLE, Anna. **Na Pele de Uma Jihadista – A História real de uma jornalista recrutada pelo Estado Islamico.**

Paralela , 2015.

GARCIA, Eugênio. **Questões estratégicas e de segurança internacional: a marca do tempo e a força histórica da mudança.** Tese (Doutorado) – História das Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

GARCIA, Marco Aurélio. **O Brail e a (in)segurança global.** 17 f. Dissertação – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Sao Paulo.

GUERRERO, Eustáquio. **Convicção Religiosa e Dignidade Humana.** LIVRARIA CRUZ, 1948

LOGUERCIO, José et al. **Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016 – “Lei antiterrorismo”.**

Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI239952,11049-Lei+n+13260+de+16+de+marco+de+2016+Lei+antiterrorismo>>
Acesso em 1 nov. 2017.

MAGALHÃES, Lia. **Estado Islâmico: entenda a origem do grupo.**

Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2015/01/estado-islamico-entenda-origem-do-grupo>>
acesso 23 out. 2017.

MARTINES, Fernando. **Presos na operação *hashtag* são condenados com base na Lei de Terrorismo.**

Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-mai-04/presos-operacao-hashtag-sao-condenados-lei-terrorismo>
Acesso em 9 nov. 2017.

MELLO, Patrícia. **Iraque reclama de omissão do Brasil na luta contra faccao terrorista.**

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/02/1589977-iraque-reclama-de-omissao-do-brasil-na-luta-contr-facciao-terrorista.shtml>>
Acesso em 6 nov. 2017

NAPOLEONI, Loretta. **A Fênix Islamista.** Bertrand Brasil, 2015.

O ESTADO DE S. PAULO. **15 anos após atentados do 11 de setembro, ameaça terrorista nos EUA passa a ser doméstica.**

Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,15-anos-apos-atentados-do-11-de-setembro-ameaca-terrorista-nos-eua-agora-e-domestica,10000074968>>
Acesso em 26 out 2017

OAB. **Especialistas Debatem definição do terrorismo e lei sancionada no Brasil.**

Disponível em: <http://www.oabsp.org.br/noticias/2016/04/especialistas-debatem-definicao-de-terrorismo-e-lei-sancionada-no-brasil.10790>

Acesso em 1 nov 2017

ROSSETI, Disney. **Maquiavel e a “Guerra Justa” Contra o Terror.**
Revista Brasileira de Ciências Policiais, Brasília, v.2, n.1, jan/jun 2011.

SARDENBERG, Ronaldo. **Segurança Global: Nações Unidas e novas vulnerabilidades.** 10 f. Dissertação – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Sao Paulo.

SENADO. **Aprovada em 2016, Lei antiterrorismo permitiu prisão de suspeitos.**
<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/21/aprovada-em-2016-lei-antiterrorismo-permitiu-prisao-de-suspeitos>>
Acesso em 1 nov 2017

VEJA. **Relatorio dos EUA aponta preocupação com terrorismo na Triplice Fronteira.**
<<http://veja.abril.com.br/mundo/relatorio-dos-eua-aponta-preocupacao-com-terrorismo-na-triplice-fronteira/>>
Acesso 8 nov 2017

VIGEVANI, Tullo et al. **Globalização e Segurança Internacional: a posição do Brasil.**
33 f. Dissertação – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Sao Paulo.

WELLE, Deutsche. **A vida sob o domínio do Estado Islâmico.**
<<https://www.cartacapital.com.br/internacional/a-vida-sob-dominio-do-201cestado-islamico201d-6826.html>>
Acesso em 26 out 2017

WILLIS, Graham. **Análise: Facções e violência crescem onde o Estado é ausente.**
<<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,analise-faccoes-e-violencia-crescem-onde-o-estado-e-ausente,70001943940>>
Acesso em 8 nov 2017